

O ENFOQUE DO FOCO

Era um desafio. Para quem nunca tivera uma experiência anterior, elaborar uma revista em menos de três semanas era uma tarefa audaciosa.

Entretanto, para nós a quem os desafios não afastam da luta, ao contrário, a impulsionam, a questão consistia em assumir mais este. As perguntas o "que", "como" e "quanto", começaram a povoar o nosso cérebro:

– que organização daríamos à revista?
– o que focalizaríamos?

– como colheríamos os dados para a sua composição?
– quanto de cada assunto deveria ser abordado?

Idéias começaram a fervilhar.

Ficou logo definido que a Revista teria três grandes enfoques:

RAÍZES - abordando a antiga Escola de Aprendizizes Artífices:
GINÁSIO INDUSTRIAL - focalizando a Escola Industrial e **NASCE O TÉCNICO**

- mostrando a Escola Técnica, de 1962 até nossos dias.

Não queríamos a simples transcrição histórica dessas fases, por isso não nos prendemos aos padrões de uma pesquisa científica.

Isto poderia provocar alguma falha em nosso trabalho. Resolvemos correr o risco porque desejávamos mostrar também o lado humano da Escola, com suas qualidades ou bons momentos, com seus defeitos ou maus momentos e com suas passagens pitorescas e engraçadas.

Partimos, então, para os contatos com ex-professores, ex-alunos, pessoas que ainda estão na Escola e, através de seus depoimentos, fomos colhendo os retalhos para compor a nossa "colcha de histórias".

Estivemos também no seu Arquivo Geral e lá, através de antigas revistas, atas de reuniões, boletins e informativos, juntamos mais algumas peças e confirmamos muitos dos fatos narrados pelas pessoas que viveram a Escola.

Solicitamos e tivemos também algumas colaborações através de artigos.

Acrescentamos, então, uma 4ª parte que intitulamos

FOCOS E ENFOQUES.

E aí está a revista "ESCOLA TÉCNICA EM FOCO", feita com simplicidade, ousadia e até com uma pitada de irreverência mas trazendo consigo um "pouquinho" de cada fase, das pessoas que por aqui passaram e "muito deixaram".

Daisy e Maria Luisa

AGRADECIMENTOS:

A todos que colaboraram narrando suas experiências, trazendo fotos e documentos que permitiram o registro desta história.

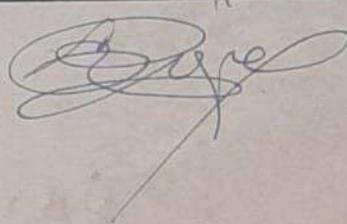
ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE SERGIPE

EM FOCO

ANO I - NÚMERO 1

1989

Ensino Industrial



ETFSE

Das raízes
ao momento
atual

EDIÇÃO COMEMORATIVA

RAÍZES

Maria Luisa Scardini Medeiros

A semente da Escola que conhecemos hoje foi plantada pelo Presidente Nilo Peçanha, a 23 de setembro de 1909, quando assinou o Decreto que instituiu as Escolas de Aprendizes Artífices em todo o Brasil, destinadas ao ensino profissional primário gratuito, sob a jurisdição do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Em Sergipe, porém, apesar dos esforços do 1º Diretor Dr. Augusto César Leite (1910 - 1916), a Escola só viria a funcionar a partir de 1º de maio de 1911, com 120 alunos matriculados nos cursos: primário e de desenho, e nas oficinas pioneiras de alfaiataria, ferraria e marcenaria, logo acrescidas das de sapataria e selaria. Os cursos primário e de desenho, de início foram destinados aos que deles necessitavam, embora, em 1918, ambos já fossem obrigatórios. As aulas desenvolviam-se em dois turnos, sendo que o ensino nas oficinas teve desde logo duração de quatro anos.

No início do seu funcionamento o corpo administrativo da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe se resumia a três pessoas: o diretor, o escriturário (substituto legal do diretor) e o porteiro-almoxarife, e contava com sete professores.

Além dos cursos já citados, em 1918 foram instituídos os cursos noturnos de aperfeiçoamento (primário e de desenho), destinados a maiores de 16 anos, idade limite para ingresso nos cursos regulares. Esses cursos seriam suprimidos em 1931.

Para ser admitido na Escola era condição básica ser "desprovido de fortuna", condição essa que permaneceu sendo exigida legalmente até 1926, embora de fato viesse a perdurar por muito tempo.

Em sua fase inicial a Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe, como as demais, passaria por dificuldades de todo tipo. Apesar da reforma física empreendida pelo seu 2º Diretor, Bento Ferreira (1916-1920), com a construção de três novos pavilhões térreos, a situação do ensino era precária: professores mal preparados, oficinas mal aparelhadas, equipamentos insuficientes, programas inadequados.

A REMODELAÇÃO

A partir da nomeação de uma Comissão Federal para Remodelação do Ensino Profissional Técnico, que resultaria em 1926 na Consolidação dos Dispositi-

vos Concernentes às Escolas de Aprendizes Artífices, as Escolas começaram a ganhar novo impulso. A primeira alteração de destaque foi a instituição da merenda escolar em 1922, que, em Sergipe, ocorreu na administração de Ernesto Argenta (1921 - 1926). Foi ainda durante sua gestão que ocorreu a construção do pavilhão central com dois pavimentos e foram melhoradas as oficinas.

Em 1922, assumia o governo de Sergipe Graccho Cardoso, incansável defensor do ensino profissional, que se dedicou à instalação e implantação do Liceu e depois Instituto Profissional Coelho e Campos, segunda Escola congênere no Estado. Aquele governante presidiria, em novembro do mesmo ano, a cerimônia de formatura dos quatro alunos diplomados pela Escola de Aprendizes Artífices, ocasião em que lhes garantia emprego no Estado.

A Consolidação de 1926 trouxe outra alteração de importância para o ensino profissionalizante: a padronização do currículo, através de uma etapa elementar de 4 anos e de outra complementar de 2 anos, incluindo desde um estágio inicial pré-vocacional até a especialização profissional, ao fim do curso. A Escola passou então a oferecer cursos nas seções de: trabalhos de madeira (marcenaria e carpintaria), trabalhos de metal (mecânica, serralheria e lataria) fabrico de calçados (sapataria) e feitura de vestuário (alfaiataria), de acordo com o roteiro curricular estabelecido, inexistente até então nas oficinas. Pela primeira vez também, passava a ser normatizado o concurso para o magistério.

A medida de maior alcance, no entanto, foi a industrialização das oficinas, que autorizava os Diretores a aceitar encomendas de repartições públicas ou particulares, de cuja remuneração o aluno tinha direito a uma parte, a qual era revertida na compra de material para o exercício do ofício ao término do curso. Essa medida foi implantada durante a administração de Alencar Azambuja (1926 - 1928) que encontrou, a princípio, muitas dificuldades dadas às complicações de cálculo e o aumento das responsabilidades dos mestres de produzir serviço e renda sem descuidar do ensino.

"TEMPO ÁUREO"

Coube ao Diretor seguinte, Sebastião Queiroz



COM A PALAVRA, O DIRETOR

Firmados nos valores do Ensino Industrial em Sergipe,
rememoramos sua história com a publicação desta revista "Escola Técnica EM FOCO",
fazendo ressurgir o valioso trabalho da revista "Sergipe Artífice",
que teve suas linhas traçadas pelas mãos

dos mais respeitáveis mestres de nosso Estado. Deles falamos com orgulho
e nos honramos quando fazemos uso de suas lições.

Insistimos somente pela seqüência das informações técnicas e pela obrigação
de informar aos profissionais que por aqui passamos
e deixamos um trabalho a ser continuado e renovado pelos seus valores.

Numa reflexão do passado, sentimos a cada dia uma nova Escola
com experiências ousadas e avançando há oito décadas com o progresso do país.

Por esta linha heraclíteia da distância
em que nos encontramos das nossas raízes, temos certeza de que andaremos
mais rapidamente e logo sairemos de uma escola
que se inicia na informática para um centro de educação informatizado
e firmado em pesquisas tecnológicas.

A posição política é importante nesta caminhada e dela dependerá o futuro
dos nossos técnicos e a expansão do mercado de trabalho.

É preciso buscar os valores e evidenciá-los no contexto social, numa tomada
de decisão em direção ao progresso.

A grande crise social atemoriza-nos. Esperamos passar pela negra noite
e ver-se agigantar o desenvolvimento tecnológico brasileiro e com ele a nossa Escola
e o povo sergipano.

Prof. José Alberto Pereira Barreto
Diretor da ETFSE



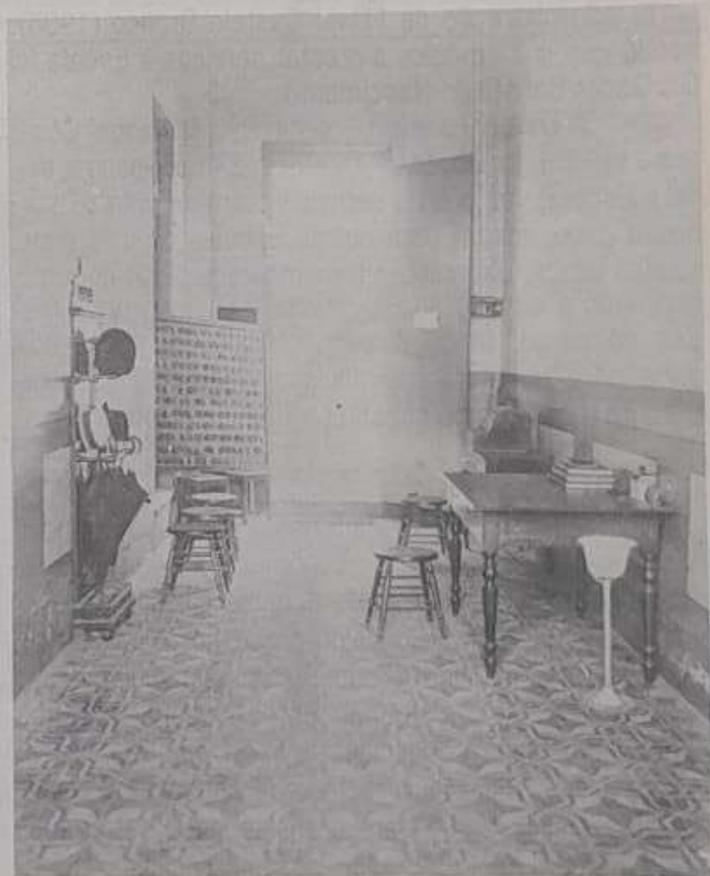
Vista Interna da Diretoria e Secretaria da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe - Década de 20.

Couto (1928 - 1932), consolidar a industrialização com os melhores resultados em produção e renda. Em sua gestão, com o apoio do interventor Maynard Gomes, as instalações foram eletrificadas, sendo montadas novas máquinas na seção de madeira. Foram reformadas as seções de metais e calçados e instalada a seção de artes gráficas. Foi ele que contratou os professores concursados na gestão anterior, a fim de substituírem aqueles em idade de se aposentarem. Seu sucessor, o engenheiro Paulo Pereira de Araújo, denominaria esse o "tempo áureo do estabelecimento escolar"

Um dado interessante, colhido junto a alunos da época, era a dedicação de Sebastião Couto que, dentista e terceiranista de medicina, reservava os finais de tarde, para prestar pessoalmente serviço médico aos alunos. Conta-se ainda que, preocupado com a educação em sentido amplo, costumava fazer refeições na escola para demonstrar e ensinar boas maneiras, sendo que suas repreensões nunca eram diretas, mas entremeadas de histórias exemplificativas.

CURTAS ADMINISTRAÇÕES

Após a implantação da seção de artes gráficas, Paulo Pereira de Araújo (1932 - 1934) teria o privilégio de inaugurar o primeiro órgão informativo da Escola, impresso integralmente nas suas oficinas: a revista



Vista Interna da Portaria da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe.

de Ciências Físico - Naturais. Foram também adotadas as chamadas "cadernetas de trabalhos práticos", onde já se esboçavam os projetos a serem executados, além do sistema de provas parciais e exames finais.

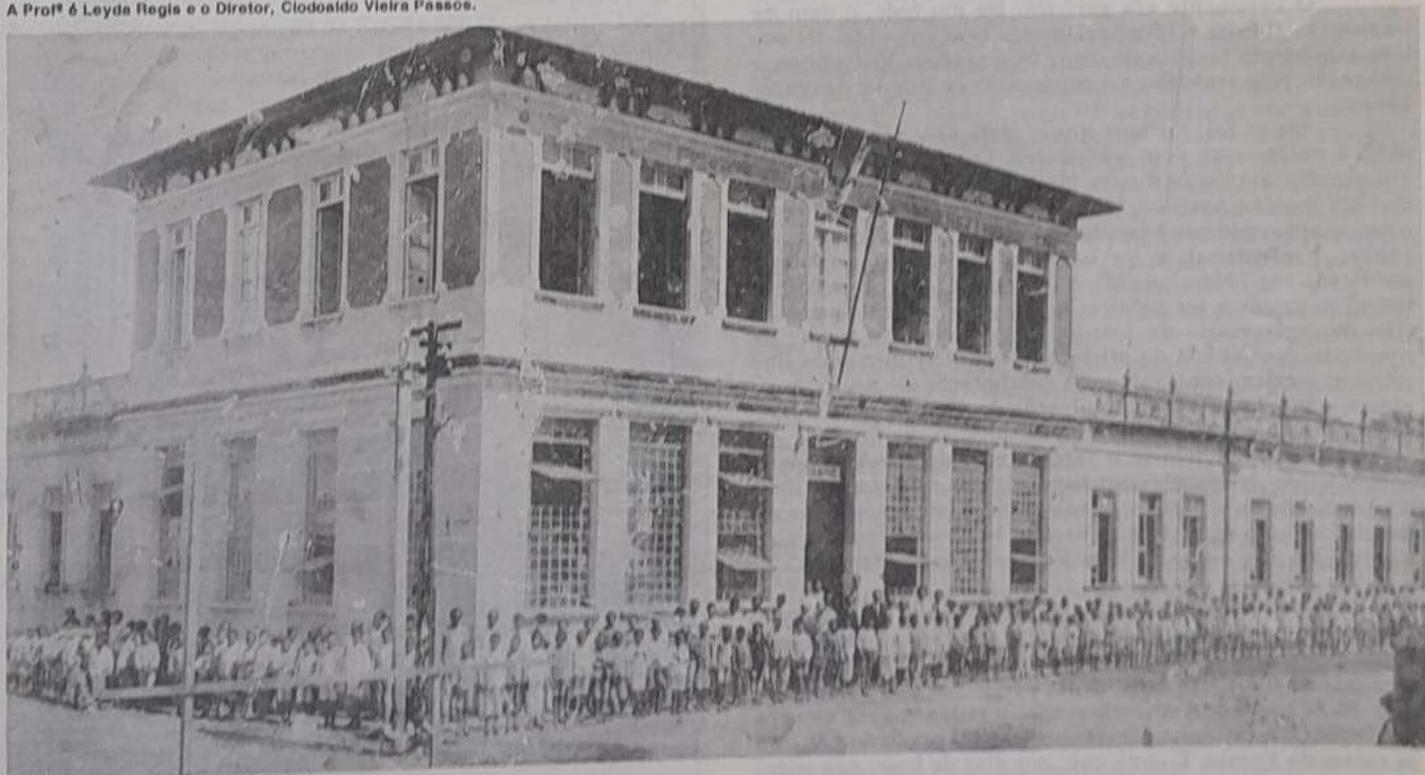
Vigente o Estado Novo, intensificou-se a instrução moral e cívica e a comemoração de datas de caráter patriótico, sendo instituída a farda verde e branco para os desfiles, doada pela Escola. Facultado o Ensino Religioso nas escolas oficiais, por Getúlio Vargas, iniciou-se a comemoração anual da Páscoa dentro da Escola.



Corpo administrativo da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe - 1940. Em pé: Oscar Dantas, João Batista dos Santos, Teófilo P. de Almeida, Dr. Adalberto Ferreira Dantas. Sentados: Clodoaldo Passos, Arlinda F. de Carvalho, Francisco A. Figueiredo.



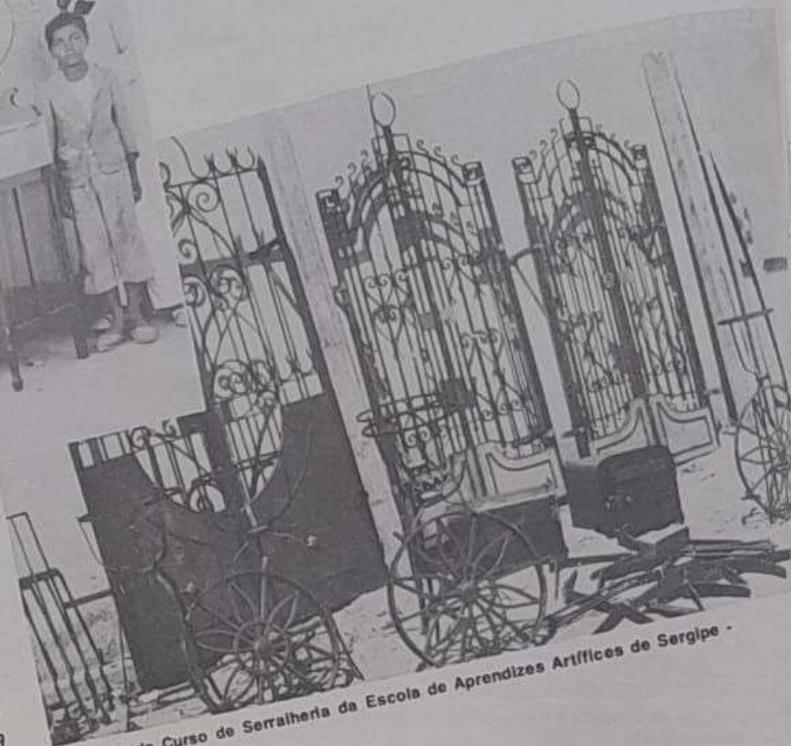
Sala de aula de Física da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe, então Liceu Industrial de Aracaju - 1940. A Profª é Leyda Regia e o Diretor, Clodoaldo Vieira Passos.



Prédio da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe - Rua Lagarto - 1940.



Prova final do Curso de Marcenaria da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe - 1929.
O 2º aluno é Humberto Moura, mais tarde professor de Desenho Técnico da Escola.



Produção do Curso de Serralheria da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe - 1929.

"Sergipe Artífice", cujo primeiro número saiu em 1934.

O Serviço Médico foi implantado durante a curta administração de Flávio Castelo Branco (1935), sendo que o 1º médico a prestar serviços à Escola foi Dr. Oscar Batista do Nascimento.

O Diretor seguinte seria Dr. Armando César Leite (1935), irmão do 1º Diretor e 2º Sergipano a dirigir a Escola, vez que os demais vieram de outros Estados e daqui saíram para outras Escolas do país onde, muitas vezes, exerceriam o mesmo cargo. Também ele, chamado a serviço ao Rio, passaria apenas cinco meses no cargo, tendo sido substituído por quase dois anos pelo escriturário Francisco Augusto Figueiredo, durante muito tempo substituto legal do Diretor.

O LICEU

Nessa época, era intenso o processo de modificações políticas e sócio-econômicas no país. A educação passara a ser alvo de debates e discussões. O desencadeamento nacional do processo de industrialização trouxe consigo a superestimação das escolas profissionais. O Brasil finalmente passaria a contar com uma política educacional a nível estadual, a começar pela criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, que passou a gerir o ensino industrial através da Inspeção do Ensino Profissional Técnico (1931), depois Superintendência do Ensino Profissional (1934) e mais tarde, Divisão do Ensino Industrial (1937), já

então subordinada ao MEC, sempre sob a direção de Francisco Montojos.

Em 1937, as Escolas de Aprendizes Artífices passariam a ser denominadas Liceus e assim teríamos o Liceu Industrial de Aracaju.

É quando assume o engº Clodoaldo Vieira Passos (1937 - 1947), sergipano de Rosário do Catete que, logo no ano seguinte, relataria ao Ministério da Educação a precariedade do prédio da Escola usando as seguintes palavras: "Em cores naturais e por palavras comedidas, cumpre-me revelar a V. Excia. a penosa situação material de nossa sede escolar; disposição acanhada das instalações do curso; deficiência do mobiliário apropriado; carência de espaço requerido pela natural expansão do ensino industrial. E a respeito de sua condição de salubridade, é precário o estado de tudo quanto concerne à higiene de um edifício que abriga tantos organismos débeis, em desenvolvimento".

O aumento de verbas, já no ano seguinte, permitiria àquele diretor preparar os caminhos para a Escola Industrial de Aracaju, que adviria da Lei Orgânica do Ensino Industrial de 1942. Nesse período, algumas matérias foram desdobradas, enfatizando-se aspectos de cultura geral básicos ao ensino profissional, através da aquisição de materiais didáticos, sobretudo na área

QUADRO DE PESSOAL DA ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES DE SERGIPE (1º.05.1911)

CORPO ADMINISTRATIVO

Augusto César Leite - Diretor
Cândido de Siqueira Menezes - Escriturário
Francisco Vieira Telles de Menezes - Porteiro - Almoxarife

CORPO DOCENTE

Francisco Soares de Britto Travassos - Curso de Desenho
Cândida Santos de Menezes - Curso Primário
João Arthur de Carvalho - Marcenaria
Avelino Lós Reis - Alfaiataria
Abdias B. da Silva - Ferraria e Mecânica
Antonio Durval Moreira - Sapataria
Venâncio Barreto - Selaria

Retrato a óleo do 1º Diretor,
Dr. Augusto Leite, pintado pelo
Prof. Humberto Moura - 1959.

UMA ESCOLA PARA POBRES

As Escolas de Aprendizes Artífices nascem com caráter manifestamente paternalista e assistencial, com o objetivo inequívoco de regeneração pelo trabalho. Essa "filosofia" transparece de maneira clara na Exposição de Motivos do Decreto de 1909, quando o Presidente Nilo Peçanha destaca a necessidade de habilitar os filhos dos "desfavorecidos da fortuna", de modo a afastá-los da "ociosidade, escola do vício e do crime". Em Sergipe, algumas passagens do discurso de inauguração da Escola por Dr. Augusto Leite permitem vislumbrar o mesmo sentido, como por exemplo quando enfatiza as escolas como "templos onde a mocidade pobre, ao mais das vezes arrancada à ociosidade e ao vício vem aparelhar-se, no desenvolvimento e no cultivo de suas aptidões técnicas ao mesmo passo que no acrisolamento de suas qualidades morais, para a luta pela vida, para o trabalho nobilitante e fecundo".

Esse enfoque correccional, bem como o preconceito contra o trabalho manual, originalmente tarefa de escravos, parece ter afastado das escolas as camadas populares que

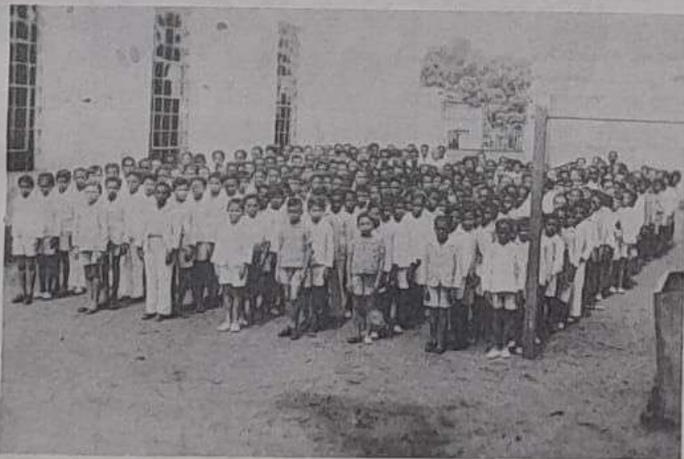
viam na educação uma forma de ascensão social, determinando, por anos seguidos, baixos índices de matrícula. Por outro lado, a evasão acentuada e o reduzido número de diplomados, durante muitos anos, dão conta do tipo de clientela atendida pela Escola naquela época.

A situação não se alterou muito, nem mesmo após a instituição da merenda escolar e a implantação da industrialização, medidas propostas como solução à evasão nas Escolas de Artífices.

A Escola de Sergipe continuou apresentando esse problema. Em artigo publicado na Revista Sergipe Artífice, em 1940, o professor Agenor de Carvalho, mestre da seção de fabrico de calçados, diria: "É de lamentar que a compreensão dos pais e dos próprios alunos entrem a verdadeira finalidade destas Escolas: em geral, adquiridos os rudimentos da arte e o estudo das letras, os alunos abandonam o curso, sob o pretexto de dificuldade de vida e falta de recursos; e lá se vão a troco de uns poucos mil réis, aqueles que talvez chegassem a ser de futuro, artífices capazes, perdendo o pouco que aprenderam em oficina sem técnica".

Ainda em 1942, na Lei Orgânica Industrial, apareceria a função do ensino secundário de "preparação das individualidades condutoras", diferenciada do ensino profissional destinado à "formação de mão-de-obra qualificada para as necessidades do sistema produtivo". A Escola Industrial de Aracaju, como as demais, continuou sendo "ótima para os filhos dos outros".

Foram as necessidades do avanço do capitalismo, aliadas às pressões das classes trabalhadoras, que acabaram por resultar na alteração mais importante quando, em 1959, se estabeleceu a equivalência do ensino médio e a possibilidade de prosseguir estudos em graus mais elevados, impregnada do valor cultural do brasileiro de ter a chance de ser "doutor". Pouco a pouco, a clientela das então Escolas Técnicas foi adquirindo novos contornos até que hoje, com o fortalecimento do "saber" que subsidia o "fazer", fundamental ao desenvolvimento científico e tecnológico, os atuais Centros e Escolas Técnicas começam a ser privilégio de uma elite. Os dados cada vez mais elevados de demanda e o caráter seletivo de que se reveste também a Escola de Aracaju atestam esse fato.



Clientela da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe - 1940.

GINÁSIO INDUSTRIAL

Maria Luisa Scardini Medeiros

A Lei Orgânica do Ensino Industrial, em 1942, vai determinar uma nova fase para as Escolas de todo país. Pela primeira vez se estabelecem normas gerais e preceitos comuns para o ensino industrial como um todo, enfatizando-se o aspecto pedagógico e a sistematização do ensino. Por outro lado, é também criado o SENAI, com atribuições bem específicas voltadas para a aprendizagem de ofícios, a cargo das indústrias. A Escola Industrial de Aracaju daria total apoio ao funcionamento do SENAI em Sergipe, oportunizando várias reuniões até que, em 1950, o governo Estadual doaria o prédio e as instalações da então Escola Industrial Coelho e Campos para início efetivo de suas atividades.

A Escola Industrial de Aracaju (EIA) sentiria os efeitos das alterações resultantes da Lei Orgânica, a nível estrutural e de funcionamento, durante a administração de Clodoaldo Vieira Passos, nomeado em 1937 e que dirigiria a Escola até 1947. A ele caberia implementar as medidas necessárias aos novos rumos do ensino industrial. Nessa fase a Escola passou a desfrutar de melhores orçamentos, que possibilitaram as obras de reconstrução e acréscimo de que, há tempos, vinha necessitando.

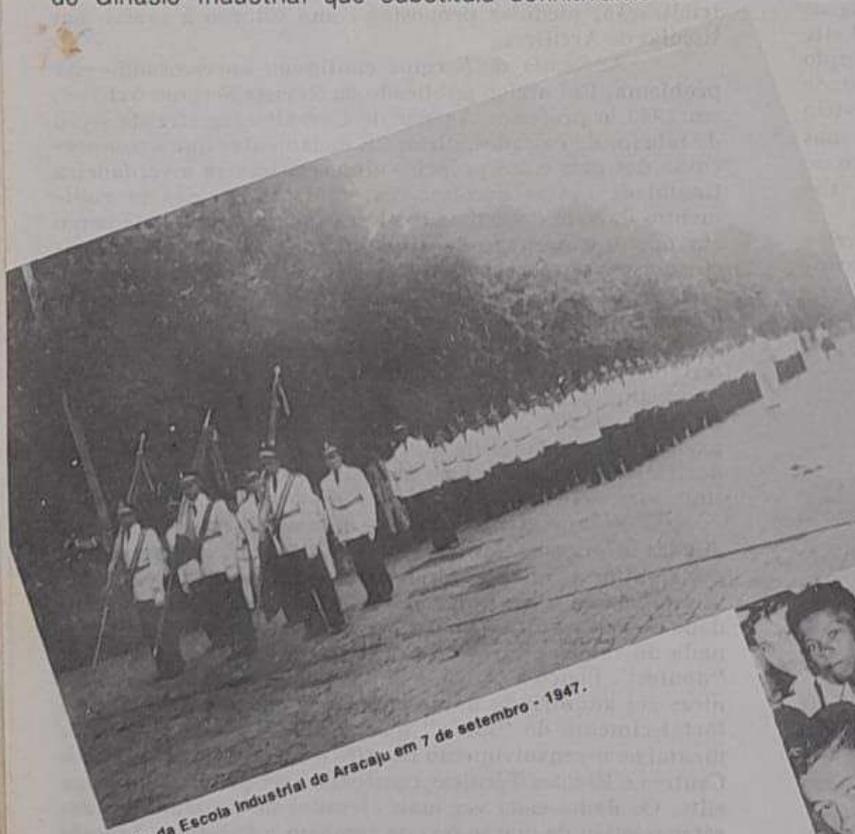
A grande inovação no ensino foi a implantação do Ginásio Industrial que substituiu definitivamente o

antigo curso primário profissional. O currículo, ainda mais acentuadamente bipartido em cultura geral e cultura técnica, veio acirrar as disputas por espaço e poder na Escola, que perduram até hoje.

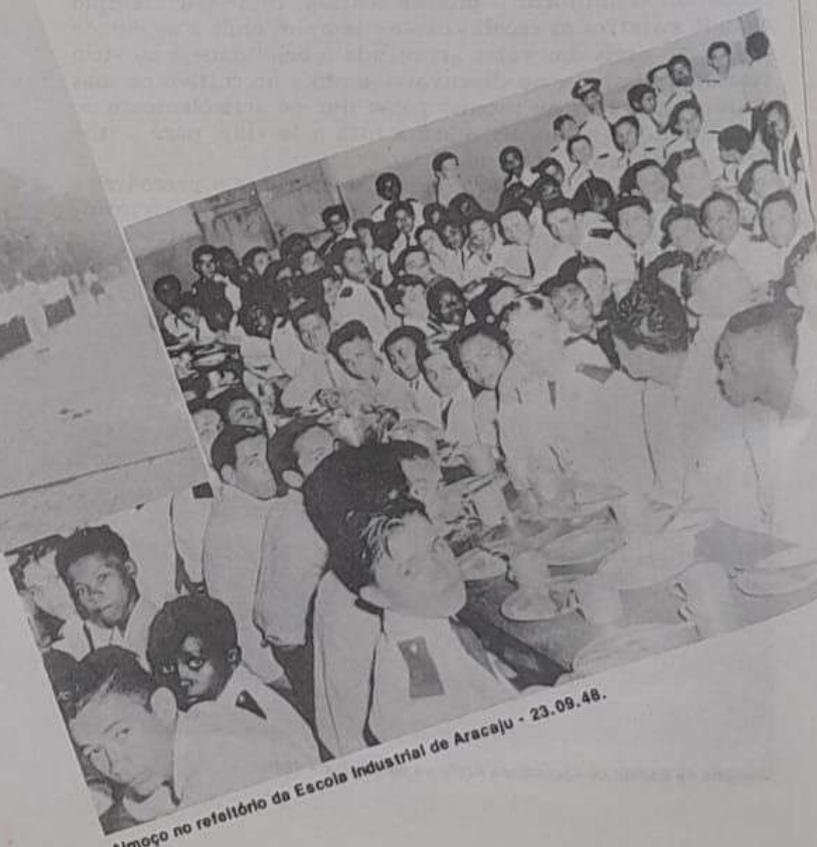
A matrícula passou a ser feita mediante provas de português, matemática e teste de conhecimentos e aptidões, além da "pesquisa social" referente à pretensão do candidato. O curso iniciava-se com um rodízio experimental nas diversas oficinas, nas quais eram exigidos trabalhos práticos seriados, sob orientação dos professores, com atribuição de notas que, somadas as dos testes preliminares, determinavam o curso a ser seguido.

Foi introduzido, nesse momento, inicialmente e em caráter provisório, com a colaboração de professores de outras disciplinas, o ensino da Educação Física e a Educação Musical.

As antigas seções passaram a constituir os cursos de: Serralheria, Carpintaria, Marcenaria, Alfaia-taria, Artes do Couro, Mecânica de Máquinas, Tipografia e Encadernação. Em 1943, seria implantado o Curso de Aparelhos Elétricos e Telecomunicações. No mesmo ano ocorria o concurso para bibliotecário, que resultou na contratação da 1ª pessoa nessa função, Maria Cecília Costa Pinto.



Desfile da Escola Industrial de Aracaju em 7 de setembro - 1947.



Almoço no refeitório da Escola Industrial de Aracaju - 23.09.48.

DINAMISMO X CRISE

Nesta nova fase da Escola, abrir-se-ia pela primeira vez, oportunidade de ingresso a alunos do sexo feminino, com a implantação, em 1944, de cursos com a conotação específica de educação doméstica: Corte e Costura; e Chapéus, Flores e Ornatos. Essa iniciativa, no entanto, alterou a vida na Escola, chegando a contribuir com a crise da administração, tendo sido logo abandonada, vez que só se formaram quatro alunas em 1947. Somente 15 anos depois, com a implantação do curso técnico, é que as mulheres voltariam a ser admitidas na Escola.

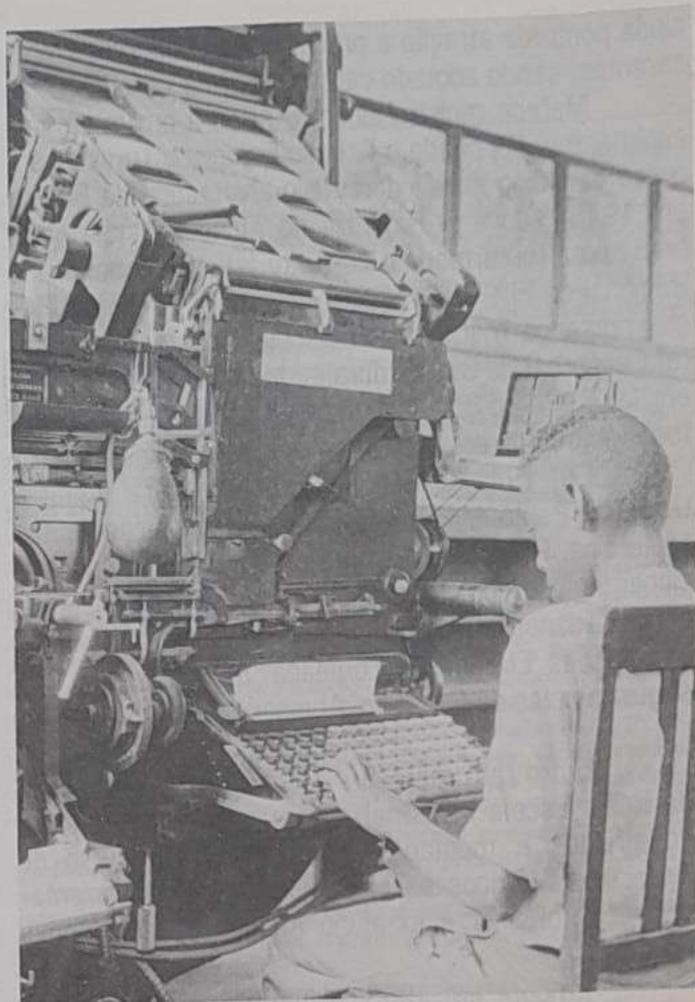
Enquanto isso, os alunos diplomados pela Escola nos diversos cursos encontravam melhores espaços na vida profissional. Naquela época, sobressaíam aqueles que se empregavam no Arsenal de Guerra, Marinha e Aeronáutica.

Merece destaque também a dinamização do ensino, a partir da implantação do Centro Técnico em 1942, origem da atual CORED (Coordenadoria de Recursos Didáticos), que passou a concentrar a elaboração de materiais didáticos da Escola. Por outro lado, excursões passaram a ser empreendidas ano a ano a partir de 1943, no sentido de ampliar o horizonte dos alunos, favorecendo o conhecimento de organizações fabris mais adiantadas. A primeira excursão foi realizada às oficinas do Leste Brasileiro, na Bahia.

Com as novas diretrizes, far-se-ia sentir mais acentadamente o despreparo de alguns professores, sobretudo nas oficinas onde o ensino muitas vezes seguia procedimentos empíricos. O acordo entre Brasil e Estados Unidos, com o objetivo de fornecer equipamentos, assistência financeira e orientação técnica às Escolas, do qual resultaria a Comissão Brasileiro-Americana em Educação Industrial (CBAI) em 1946, buscava alterar esse quadro e passou a interferir na vida das Escolas até 1963, quando foi extinto. Não se pode dizer que a CBAI tenha sido uma experiência bem sucedida, sobretudo na Região Nordeste, afastada dos grandes centros que acabaram por ser privilegiados na distribuição de material e equipamento e na formação de professores. De qualquer modo, Sergipe sentiria seus efeitos. Graças a esse intercâmbio, viajaria aos Estados Unidos, logo no início da sua gestão, o Diretor seguinte Eng^o Pedro Alcântara Braz e, mais tarde, alguns professores fariam curso no Sul do País.

Mas foi ainda durante a gestão de Clodoaldo Passos que ocorreu a ampliação do Serviço Médico, com a contratação do 1^o dentista (João Simões dos Reis) e 1^o atendente (Janete Simões Mariu).

No que diz respeito a medidas disciplinares, Clodoaldo Passos era inflexível e rigoroso, porém, algumas vezes, excessivamente benevolente com uns



Aluno em atividade na Seção de Artes Gráficas da Escola Industrial de Aracaju - 1947.

poucos. Por volta de 1946, eram freqüentes as manchetes de jornal denunciando as irregularidades de ordem moral, funcional, administrativa e pedagógica que vinham ocorrendo na EIA sob sua gestão. Até que, instalada uma Comissão de Inquérito, acabou sendo exonerado em 21.07.1947.

NOVOS EMPREENDIMENTOS

Pedro Braz viria apaziguar os ânimos na Escola, por ser homem aberto ao diálogo, justo e receptivo. Sua gestão foi pródiga em atividades de conagração, através de promoções anuais e periódicas de comemoração: Páscoa, Semana da Pátria, Aniversário da Escola e Formatura ao final do ano. O Desfile de 7 de setembro era feito com grande garbo e a Escola, invariavelmente, se destacava entre as demais, o que passou a ser ponto de honra da EIA.

Também durante sua gestão foi dada maior ênfase às tradicionais exposições de trabalhos práticos feitos pelos alunos, sendo os artefatos disputados pelos visitantes, tanto pelo esmero da confecção como pelo custo reduzido comparado ao comércio local.

Pedro Braz preocupou-se com o atendimento ao aluno, buscando formas de melhorar a merenda,

UMA LONGA ESPERA

Criada pelo Decreto do Presidente Nilo Peçanha, a 23 de setembro de 1909, a Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe foi a última a ser instalada. No discurso de inauguração, em 12 de maio de 1911, o médico Augusto César Leite, nomeado diretor no dia 06 de janeiro do ano anterior, relatava minuciosamente o porquê dessa demora.

O Decreto de 1909 previa que as Escolas seriam instaladas em edifícios pertencentes à União ou cedidos pelos governos locais. Na época, o Estado, conforme alegara seu Presidente Dr. Rodrigues Dória, atravessava precária situação financeira. Dr. Augusto Leite refere-se, então, à ajuda preciosa de dois representantes sergipanos no Senado, Dr. Coelho e Campos e General Valadão, para a aquisição do prédio pela União. E afirma: "Transcorrido um ano foi adquirido pelo Governo Federal o edifício em que nos achamos presentemente, como vedes, de dimensões exguas, sem espaço suficiente para o fim a que se destina, mas que em breve convenientemente aumentado será para a completa e definitiva instalação das oficinas e perfeito funcionamento das aulas de desenho e primária".

Conta-se, no entanto, que Dr. Augusto Leite teria adquirido o prédio com recursos próprios, mediante o pagamento de dez contos de réis, quantia vultosa na época. Teria ele usado de modéstia ao esconder tal fato em seu discurso? Para a dúvida.

O fato é que o prédio, sito na rua Lagarto esquina com Maruim, onde funciona hoje a Delegacia do MEC, abrigou a Escola até meados da década de 60.



1º Prédio da Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe - Rua Lagarto.

O RETRATO DE UMA ÉPOCA

O casamento era perfeito. De um lado, o dom da linguagem fluente e invariavelmente bem colocada. De outro, a maestria na arte de disposição gráfica. Em ambos, a dedicação pelo trabalho e a capacidade de liderar e organizar.

Assim foi, durante quase vinte anos (ao que se supõe), a união entre dois professores: Leyda Régis e Manuel Messias dos Santos (o mestre Manuelzinho) na confecção da Revista Sergipe Artífice. Idealizada pela prof.^a Leyda, tendo o nome aprovado por Francisco Montojos, então Inspetor do Ensino Profissional, a Revista teve seu primeiro número publicado em 1934 ainda sob o formato de um pequeno boletim, passando a ter publicação anual, geralmente por ocasião do Aniversário da Escola. Com o objetivo maior de propiciar o exercício do ofício e o desenvolvimento da linguagem escrita, contava com a colaboração de professores, alunos e funcionários, na divulgação de assuntos de interesse didático-pedagógico e profissional.

Ao lê-la, tem-se o retrato vivo da Escola naquele período. São frequentes em suas páginas reportagens ilustradas sobre os eventos e as solenidades comemorativas da Escola, ao lado de artigos de caráter técnico periodicamente produzidos pelo corpo da Escola e recebidos das demais.

É interessante observar ainda, num determinado período, a ideologia própria do Estado Novo, através do culto às personalidades nacionais e aos valores pátrios em combate ao comunismo.

Mas percebe-se, sobretudo, o cuidado com que era produzida e o interesse demonstrado pelos profissionais com as coisas da Escola. É pena que, nos dias de hoje, não se tenha na própria Escola todos os recursos necessários para produzir publicação semelhante.



Capa da Revista Sergipe Artífice nº 11 - 1940.

A Rádio Escola Industrial foi um acontecimento que repercutiu em toda comunidade aracajuana. Criada a partir da "garra" do ex-aluno e então professor do Curso de Aparelhos Elétricos e Telecomunicações, prof. Aldomanúcio Rodrigues Santos, funcionou pela primeira vez com 20 watts de potência em um pequeno chassi, na mesa do próprio professor, transmitindo um convite à população local, para visitar a Exposição de Trabalhos de alunos ao final de 1958.

O interesse pela matéria e o estímulo do Diretor Pedro Braz levou o professor a prosseguir com a experiência, até a inauguração da torre de transmissão no pátio interno da Escola da rua de Lagarto, durante as comemorações do seu Cinquentenário.

Ao longo de quase seis anos, a Rádio "pirata" iria ao ar, sob as vistas grossas das autoridades competentes. Nesse período, funcionando em horários regulares, com programação diversificada e previamente preparada, divulgava notícias de interesse da própria escola, além de prestar serviços à comunidade, chegando a fazer transmissões externas, até de futebol. Ali nasceram os radialistas Jairo Alves e Gilson Rolemberg, também funcionário da Escola e recentemente falecido, ao lado do técnico em eletrotécnica Nilton Linhares.

Enquanto iam se desenvolvendo as atividades da Rádio, muito se lutou para conseguir a concessão formal de funcionamento, que nunca viria a ocorrer. Finalmente, com a mudança para o novo prédio, e devido principalmente a problemas de ordem administrativa, a Rádio acabou por morrer na década de 60, deixando somente boas lembranças a todos que dela de algum modo participaram.

Durante a administração de Dr. Irineu Martins de Lima, o Prof. Aldomanúcio atuou em nova iniciativa de destaque com a formação do Clube de Radioamadores da ETFSE e, inaugurado em 05/05/70 - Dia Nacional de Telecomunicações. Chegou a contar com 34 radioamadores sendo PP6AHU o seu prefixo. Foi ao ar pela última vez por ocasião da realização da 2ª FEIRA DE ELETRÔNICA, em 1984.



O aluno Nilton Linhares, mais tarde Prof. da Escola, operando equipamento da Rádio Escola Industrial de Aracaju.

A idéia nasceu por ocasião do 1º Centenário de Aracaju em 1955. Habituada não só a promover comemorações internas, como também a estar presente nos eventos da comunidade local, a Escola buscou meios de assinalar sua participação nessa data comemorativa. Em reunião extraordinária de professores, convocada pelo então Diretor Dr. Pedro Braz, a 12 de março daquele ano, quando já se cogitava da construção da futura Escola, o Prof. Manuel Messias dos Santos sugere depositar "sob o pedestal do Busto de Nilo Peçanha, da futura Escola, um cofre de metal contendo dados históricos, métodos de ensino, retratos do pessoal docente, discente e administrativo, autógrafos, jornais e revistas da Escola e tudo mais que falasse da época presente para abertura cem anos depois". A idéia é aceita por unanimidade e as providências seriam tomadas para sua realização.

De fato, a cerimônia ocorreu, conforme relato no Diário Oficial de Sergipe, em setembro daquele ano, na data comemorativa ao 46º Aniversário da então Escola Industrial de Aracaju. Na chamada "Urna-centenário", numa caixa de amianto construída na própria Escola, foram colocados documentos referentes às atividades escolares da época, com a colaboração de professores, funcionários e alunos. A Profª Leyda Regis fez a leitura da Mensagem aos Vindouros do ano de 2055, ao fim da qual "foram apostas as assinaturas de todos funcionários e alunos e a do Chefe do Poder Executivo (Leandro Maciel) que se encontrava presente". Alguns professores de hoje, na época, alunos, presenciaram o acontecimento. Os relatos são imprecisos quanto ao local e até mesmo quanto a existência ainda dessa urna na atual Escola. Na época, o que havia era um grande sítio com muitos coqueiros, rodeado de cercas.

Há quem diga que houve uma planta de localização e que essa foi enviada ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Outros afirmam, de ouvir falar, que a urna foi encontrada durante a construção e jogada fora. O mistério permanece. Será que o desvendaremos até o ano de 2055?



Churrasco no terreno da nova Escola, na chamada "Baixa Fria" - 23.09.55.

NO VAI E VEM DA MEMÓRIA

É maravilhoso observar a capacidade da memória do ser humano.

A memória, como qualquer órgão, tem funções básicas: registrar, reter, evocar e reconhecer informações, fatos etc.

Nesses contatos que tivemos com pessoas de diversas idades, tendo vivido a Escola em épocas diferentes, buscamos extrair de cada uma o máximo de lembranças que suas memórias puderam reter.

Nos diálogos descontraídos, sem nenhuma formalidade, cada um começou a contar fatos da sua época, a rever antigos retratos. Houve encontros onde conseguimos reunir velhos amigos e o "papo" fluía fácil, as lembranças emergiam e as associações iam se formando através das conversas e das fotos que corriam de mão em mão. As reminiscências iam explodindo e os fatos sendo resgatados, um a um, com clareza, nitidez e precisão que nos surpreendiam.

E entre muitos fatos que surgiram, neste VAI E VEM DA MEMÓRIA, selecionamos os seguintes:

A ordem: "Prá escada" que fazia os alunos, em caráter de castigo, permanecerem após as aulas junto aos corrimões da escada da antiga Escola, sendo objeto da atenção geral dos que por ali passavam.

O susto do Prof. Josino que, ao auxiliar o Dr. Sebastião Couto na aplicação de injeções nos alunos, foi depositando, num cesto de lixo, os restos de algodão embebido em álcool e descuidadamente, nesse mesmo cesto, joga um fósforo aceso provocando um incêndio.

O feijão e o arroz de todo dia ou "FEROZ", como era chamada a refeição intragável dos primeiros tempos da merenda.

O flagrante inesperado e divertido do Diretor, que pegou as professoras tomando apressadamente um cafezinho na cozinha, durante a aula, devido à falta de intervalo no horário escolar:

"Será que as prezadas colegas não me darão o prazer de participar deste agrupamento tão agradável, servindo-me também café?"

A teima do professor "paquerador", que, mesmo tendo as janelas semi-vedadas, subiu num tamborete durante a aula, para dar "psiu" às garotas que passavam na rua próxima a sua janela.

A proeza de acender o cigarro na brasa tirada da forja com a mão, pelo Mestre Alberto, da Serralheria.

O sofrimento do calouro na fila do refeitório que, além de ser o último, levava "tabefes" de todos os lados, sem saber porquê.

O banco serrado pelo Prof. Humberto, no afã de fazer os alunos entenderem o "corte" em desenho.

O meio de transporte da Prof.^a Hilda; uma charrete generosamente dirigida pelo seu marido.

Os alunos de fuzil ao ombro, em passo de marcha, contornando a área interna da Escola, cumprindo "pena" por serem faltosos.

O rigor disciplinar do Diretor que cortou o seu próprio ponto por ter perdido o avião no Rio de Janeiro, não chegando aqui na data prevista.

Os três anéis, símbolos das três formaturas (Ciências Jurídicas e Sociais, Odontologia e Farmácia) do Prof. Joaquim Travassos, que pendurados na corrente do relógio pendente de um bolso a outro do colete, eram frequentemente tilintados pelos dedos do antigo professor, cujo som distraía a atenção dos alunos às aulas.

O desconhecimento do Presidente do Conselho de Representantes que, ao ver o "catatau" de papéis que deveria assinar num processo de prestação de contas anual, perguntou indignado:

Por que vocês juntaram tudo isso para assinar de uma só vez?

A preocupação de um Diretor com o gasto de papel higiênico a ponto de pedir ao chefe do DEA o cálculo da metragem de papel usado por pessoa. O chefe do DEA irritado respondeu: "É difícil, isto depende do problema intestinal de cada um".

A caricatura do inspetor de alunos, retratado numa forca durante a greve de 1963, por fazer cumprir as portarias de suspensão. Neste período as suspensões chegavam a ser em número de 5 por dia.

O professor Aldomanúcio pulando o portão da Escola, aos domingos, para fazer funcionar a Rádio Escola Industrial.

O tropeço literal da professora no microfone da Rádio ao iniciar a transmissão: - Cuidado que eu caio! e que depois pergunta se saiu no ar.

A terminologia, o "pessoal lá de cima" e o "lá debaixo, das máquinas" que já caracterizava a hierarquia cultural geral X cultura técnica na antiga Escola, na rua de Lagarto.

A "bomba atômica", apelido dado ao carro do Prof. Humberto, que chegava dando "tiros" e assustando aos alunos.

O costume de vestir duas camisas e tirar a da Escola para poder entrar no Cine Rio Branco, o que resultou em algumas suspensões.

A disputa dos alunos para sentar no lugar mais estratégico podendo assim admirar as pernas bonitas da professora.

O "não... não... não"... daquele Diretor que como uma "metralhadora" se antecipava à fala de quem fosse fazer qualquer pedido.

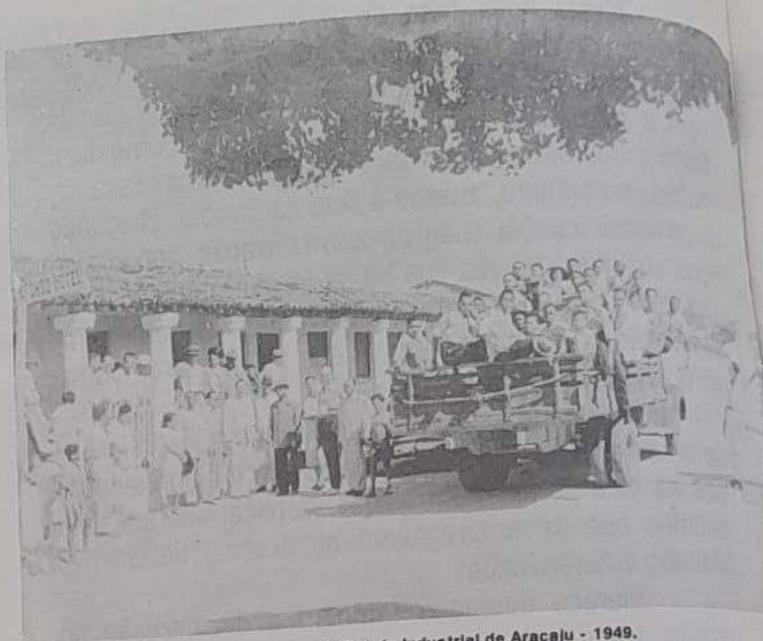
ainda ponto-de atração e procura da Escola pelos mais carentes, sendo adotado cardápio farto e variado.

Merece registro ainda, o apoio a novos empreendimentos. Foi criado o Grêmio Francisco Travassos e o seu periódico anual, durante o aniversário da Escola em 1948, sob a presidência do aluno Geraldo Mota, bem como foi formado o conjunto artístico denominado Regional da EIA, todos de iniciativa da Prof^a Leyda Régis, presença marcante na Escola Industrial e substituta eventual do Diretor durante toda sua gestão. Ainda em 1948, Pedro Braz inauguraria a oficina de fundição e forja, cujo forno era capaz de fundir até 50 kg. de ferro.

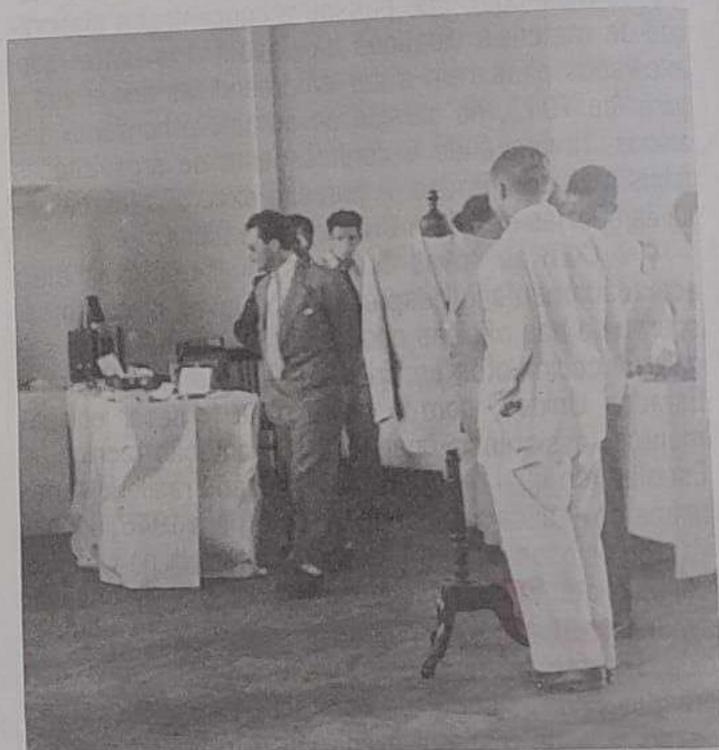
Em 1949, a Escola foi a primeira a visitar a Usina de Paulo Afonso, na fase de construção de sua 1^a turbina. Preocupado com a repercussão do seu funcionamento, Pedro Braz implantaria, em 1952, cursos extraordinários rápidos, noturnos, iniciando com os de Instalações Elétricas e Tornearia, seguidos já no ano seguinte pelos de Fundição, Alvenaria e Revestimento.

Outro fato marcante a considerar foi a criação da Rádio Escola Industrial, cujos transmissores foram construídos e montados pelos alunos do curso de Aparelhos Elétricos e Telecomunicações, sob orientação do professor e ex-aluno Aldomanúcio Rodrigues Santos.

Embora em 1953 se noticiasse a aquisição do terreno da nova Escola, cuja pedra fundamental foi lançada em 1955, somente em 1957 foi aprovado o orçamento de mais de 100 milhões de cruzeiros, para a construção do prédio, resultado do esforço incansável daquele Diretor. Previa-se sua conclusão para 1959 mas, três anos depois ao se afastar do cargo devido a grave problema de saúde, quando a Escola já vinha sendo administrada por diretores nomeados pelo conselho de Representantes, deixava prontos apenas os



Excursão a Paulo Afonso, por alunos da Escola Industrial de Aracaju - 1949.



Exposição de Trabalhos de alunos da EIA - 1947.

sete pavilhões destinados às oficinas e o da caixa d'água.

A Escola Industrial de Aracaju passaria por mais uma reforma em 1959, quando se conquistou a equivalência do ensino médio. A Escola adquire então dupla função: finalística, através do preparo profissional e propedêutica, para o prosseguimento de estudos em grau mais elevado.

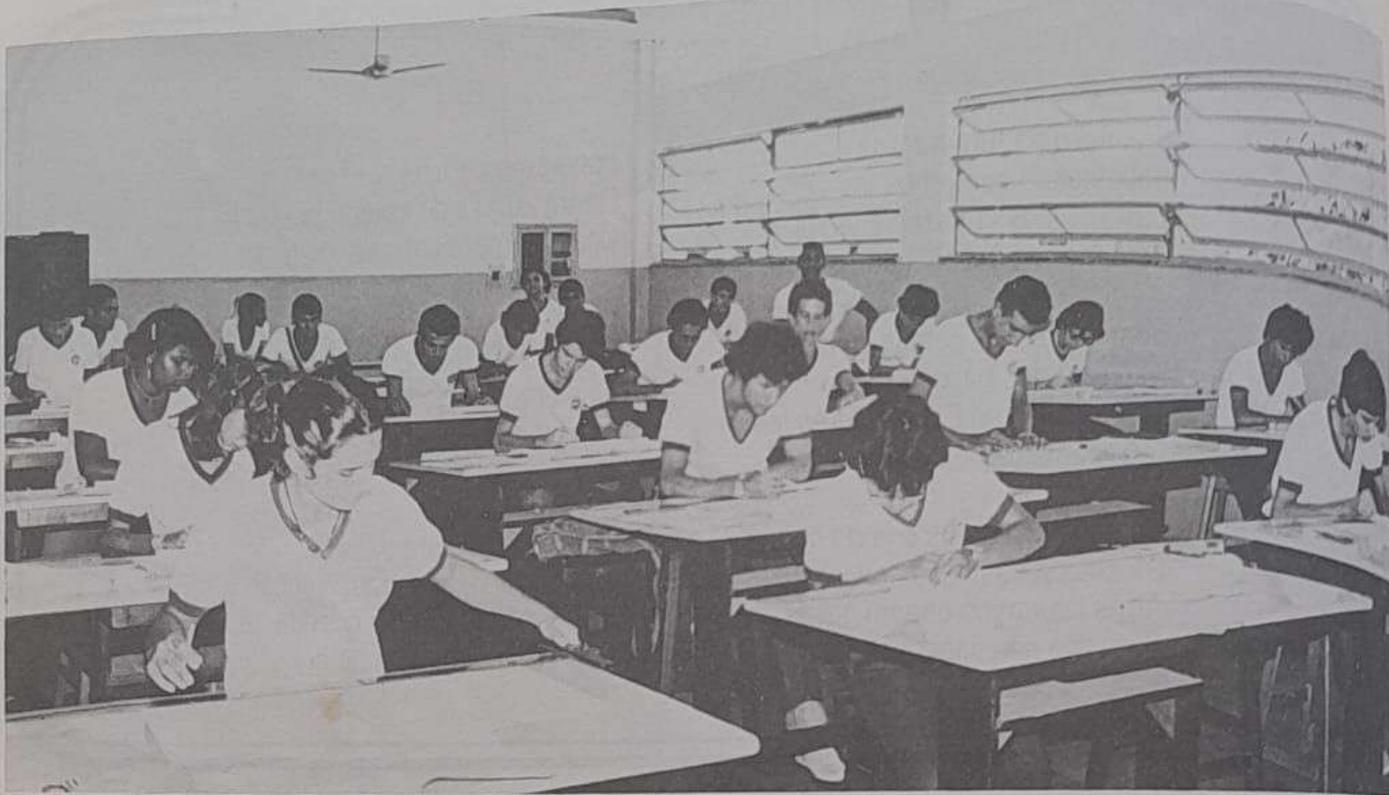
Prepara-se o caminho para a implantação dos cursos técnicos a nível de 2^o grau, que resultou mais tarde na extinção do chamado "Ginásio Industrial".



Formatura - 1948 - discurso do Orador da turma.

NASCE O TÉCNICO

Daisy Fonseca Ximenes



Aula de Desenho arquitetônico - Curso de Edificações.

Alicerçado na antiga Escola de Aprendizes de Artífices e na Escola Industrial de Aracaju, surge em 1962 o 1º Curso Técnico, mas a mudança do nome da instituição para Escola Técnica Federal de Sergipe, só é oficializada através da Portaria nº 239 de 03 de setembro de 1965.

Até 1962, na então Escola Industrial, funcionava apenas o Ginásio Industrial. Com a exploração do sub-solo Sergipano e as expectativas de evolução do setor industrial, surge a necessidade da Escola criar novos cursos, o que provocou transformações significativas na sua estrutura administrativa. A Escola, a partir de 1962, passou a ter como cursos regulares o Curso Ginásial e o Curso Técnico, inicialmente funcionando só no noturno, com 4 anos de duração. Além destes, a Escola oferecia cursos extraordinários ou de iniciação profissional com matrículas abertas para os alunos da Escola, para alunos de outros ginásios e para operários das indústrias locais.

Faziam parte da relação dos cursos de iniciação profissional: Auxiliar de Telecomunicações, Rádio e Reparação, Solda Elétrica e Oxiacetilênica, Enrolamento de Motores, Torneria e Ajustagem, Instalações Elétricas, Ajustagem de Motores de Automóvel, Reparo de Aparelhos Eletrodomésticos, Impressão, Composição Mecânica, Composição Manual, Encadernação,

Marcenaria e Desenho Técnico.

O primeiro curso Técnico da nossa Escola foi o de Edificações que no ano da sua criação - 1962, teve uma matrícula de 69 alunos. Em 1965 ingressam os primeiros alunos para os cursos de Estradas e Eletromecânica com 43 e 41 alunos, respectivamente. O Curso de Eletromecânica é dividido em dois cursos distintos, criando-se em 1969 o de Eletrotécnica e o de Máquinas e Motores.

Esta transformação ocorreu para atender aos apelos do CONDESE e ENERGIZE, que na época mantinham convênio com a Escola e necessitavam de profissionais com formação mais especializada. A Escola Técnica Federal de Sergipe, com o seu novo leque de ofertas de cursos, passa a atrair jovens das diversas camadas sociais.

Desde 1969 a Escola propunha aos órgãos superiores a criação dos Cursos de Agrimensura e Eletrônica, sendo este último justificado pela solicitação das Empresas Sergipanas que começavam a receber os primeiros computadores eletrônicos e não dispunham de mão de obra especializada. O sonho do Curso de Eletrônica só se concretiza 13 anos depois e o de Agrimensura nunca saiu do plano de Projetos.

Muitas lutas foram travadas e muitas barreiras tiveram que ser vencidas, para se chegar à estrutura

Símbolos

Hino:

Brasileiro na luta da vida
trabalhando queremos vencer
O Brasil, nossa Pátria querida
Bem maior e feliz há de ser.

Esperamos um dia a vitória
Do trabalho e do estudo em porfia
Como sempre cobrindo de glória
Nossa Escola, semeie alegria

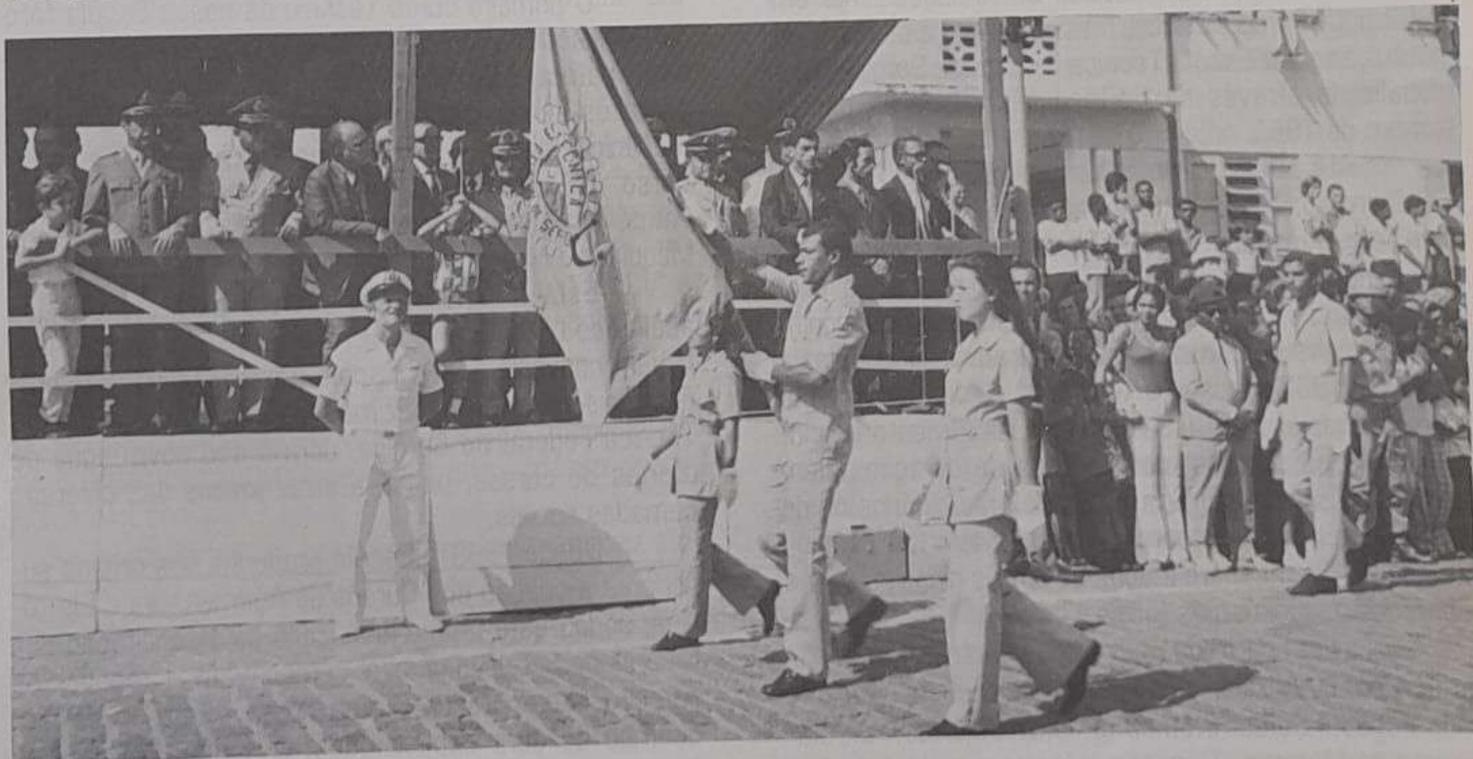
Bem Unidos na Escola vivemos
Não teremos na vida temor
Trabalhando na Escola aprendemos
O trabalho é que nos dá valor.

EIA! avante Brasil! o teu dia
Já se mostra no claro arrebol
Tua glória feliz, alumia
Nossos alunos à luz do teu sol

Homens livres nós somos obreiros
Da alegria do nosso porvir
Atrás fiquem os que rotineiros
Da rotina não sabem sair.

Brasileiros na luta da vida
Trabalhando, queremos vencer
O Brasil nossa Pátria querida
Bem maior e feliz há de ser.

O Hino que ainda hoje entoamos, foi criado para a Escola Industrial de Aracaju e cantado, pela primeira vez, nas festividades do 46º aniversário da Instituição em 23/09/55 após a solenidade de encerramento da "urna-centenário".
A letra do Hino é de autoria do poeta e parlamentar sergipano Dr. Pires Wynne e a melodia de autoria do compositor paulista Benedito Contador.



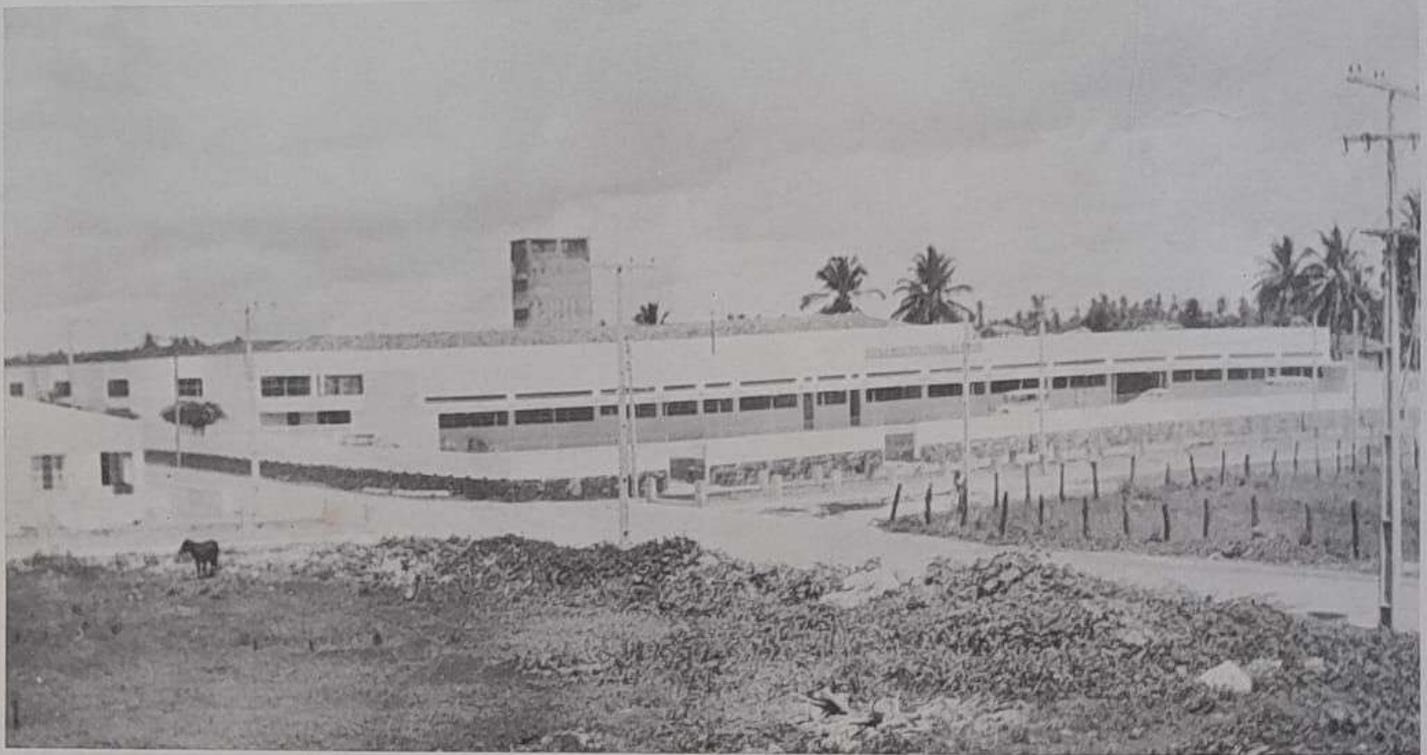
Pavilhão da ETFSE em desfile de 7 de setembro - Década de 70.

A Bandeira da Escola só foi criada na década de 70. O escudo, definido através de um concurso, do qual participaram alunos e professores sendo vencedor o desenho criado pelo Prof. Josino P. Carvalho. As cores da Bandeira tiveram por base as cores da farda usada pelos alunos naquela época.

medida implicaria em anular o projeto inicial, houve protestos por parte dos docentes que viram nesta construção, feita à base da economia e às pressas, a impossibilidade de futuramente, ampliar a obra subindo os andares previstos no projeto original.

Em 6 meses, mesmo sem a aprovação dos professores, as 16 salas de aula foram construídas e os alunos transferidos para a Escola nova.

As condições de acesso à Escola eram ruins, o areal dificultava o trânsito de veículos, o local era ermo e sem iluminação. Novamente o clima de insatisfação pairou sobre a Escola e segundo depoimentos de Professores, ocorreu o chamado "Golpe Branco". Dr. Theotonilio foi convidado a representar a Diretoria do Ensino Industrial na Bahia e Sergipe e seu lugar foi ocupado pelo Prof. Irineu Martins de Lima, que era funcionário do Ministério da Educação.



Fachada da EIA - Década 60.

PITORESCO

Numa festa de encerramento de curso, na gestão de Prof. Humberto Moura, a banda musical da Escola, composta pelos alunos, animava a festividade.

Era terminantemente proibido o uso de bebidas alcoólicas pelos alunos. O descumprimento desta norma era considerado falta grave e o aluno que a infringisse, ficava sujeito à punição.

Mas já naquela época, apesar do rigor e da educação conservadorista, os alunos driblaram a vigilância e trouxeram algumas garrafas de cachaça Caranguejo, cujo líquido era colocado discretamente nas garrafas de guaraná. Lá pelas tantas, o prof. Humberto percebeu que havia euforia demais entre os músicos e foi investigar. Descobriu então, atrás do piano uma garrafa de Caranguejo que um aluno descuidado esqueceu de esconder. A prova do crime estava ali. O prof. Humberto indignado ergueu a garrafa acima da cabeça, como se segurasse com uma das mãos um troféu e bradou:

– “Isto não pode acontecer, é inadmissível e todos terão a punição que merecem”.

Este ato no entanto, foi fotografado por um aluno ousado que enviou o retrato para o Jornal, e, como fotografia não fala, o Prof. Humberto foi manchete do Jornal:

“DIRETOR EMBRIAGA-SE NA FESTA DA ESCOLA”.

Foi difícil desfazer o engano.



Banda Musical da época.

UNETI UMA EXPLOÇÃO EM 1963

Em 1963, realizou-se em Aracaju, no prédio do SESI, um congresso da UNETI (União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais). Neste ano os alunos viviam um clima de grande insatisfação devido às deficiências do ensino: a falta de material didático, a extinção do almoço e do fornecimento da farda que eram oferecidas aos alunos da Escola; a má distribuição das bolsas oferecidas pela Caixa Escolar; o autoritarismo e falta de diálogo da Direção com a classe estudantil e as condições do prédio.

A precariedade do prédio era tal, que os alunos intitulavam os sanitários de "Câmara de Gás".

Com o congresso da UNETI, estes problemas foram levantados e a semente da revolução foi plantada. Estoura a greve.

Com a Bandeira do Brasil fechando os portões da Escola, os alunos de braços dados formando uma corrente, impediram a entrada de professores e Diretor no recinto da Escola.

Esta greve teve início no dia 23 de setembro de 1963, destacando-se como líderes do movimento o aluno Augusto Almeida de Oliveira e o Presidente da UNETI Luiz Jorge Leal.

No dia 30/09, tentando uma negociação com os estudantes para por fim à greve, o Conselho de professores convoca uma reunião da qual participam os 2 líderes do movimento estudantil que apresentavam suas reivindicações e se mostravam irredutíveis na luta pelos seus objetivos.

Outras reuniões ocorreram, inclusive com o Conselho de Representantes, até que em 17/10 chega-se a um consenso.

Os alunos saíram vitoriosos, Dr. Moacir renuncia

O DESAFIO DE ADMINISTRAR

"Não é mérito o trabalho e dedicação no desempenho do cargo, mas um dever de função".

(José Heribaldo T. de Menezes, 1961)

A Escola é um núcleo social e como tal recebe as influências da sociedade da qual faz parte e com ela sofre as mesmas tensões.

Fora as tensões geradas pelos fatores externos, os dirigentes vivem também tensões internas e por estas, todo nós, chefes e subordinados, somos responsáveis.

Nessa sociedade complexa que vivemos, cheia de altos e baixos, de concessões e recessões que alteram nossos ânimos e nossas relações, administrar exige ARTE, é um DESAFIO.

Nas duas últimas décadas, a Escola é dirigida por 4 Diretores.

1969 a 1979

Nesse período todo, a Escola é administrada por Dr. Irineu Martins de Lima que além de advogado e orientador educacional, foi ex-aluno, ex-professor e ex-Diretor da Escola Técnica Federal de Natal, ex-interventor da ETEPB e ex-supervisor das Escolas Téc-

nicas Federais. ao cargo de Diretor, é concedida a anistia - os alunos tiveram abono das faltas e suspensão de qualquer punição. Foi também conquistado pelos estudantes o direito de ter 2 representantes nas reuniões do Conselho. O problema da farda foi solucionado através do pagamento parcelado e grupos de trabalho, envolvendo professores e alunos, foram criados para solucionar as deficiências da Escola. Cada grupo tinha a tarefa de apresentar sugestões sobre determinado assunto como: metodologia de ensino; equipamentos das oficinas; currículo dos cursos; normas para ingresso do aluno na Escola.

Os alunos passaram a participar de forma dinâmica e ativa, nas decisões da Escola.

Muitos avanços foram alcançados nesse período, graças à consciência política dos alunos e à coerência dos Conselheiros que admitiram as falhas da administração e imediatamente buscaram soluções para os problemas da época.

Segundo depoimento de um professor que viveu este evento, os líderes desse movimento que beneficiou a Escola como um todo, foram, em 1964, cassados pela revolução.

Na busca de dados históricos sobre a nossa Escola, muitas pesquisas foram feitas principalmente nos documentos existentes em nosso Arquivo Geral.

Nos livros de Atas do Conselho de Professores, obra de grande importância na estrutura da Escola nos anos 60, verificamos a ausência de atas referentes ao ano de 1964. Nesses livros há o registro de uma Ata em 19/02/64 e a outra reunião registrada após esta, é de 28/01/65.

Realmente, 1964 foi o ano da "mordaca" e a ausência de registros de reuniões vem comprovar esse fato.

nicas Federais.

Nessa fase, a Escola sofre a reforma na sua estrutura e é implantado o organograma que hoje temos. Com essa reforma, foram criados os Departamentos, descentralizada a administração da Escola e surgem as coordenadorias e divisões, sendo então criado o Serviço de Integração Escola-Empresa.

Entre as grandes realizações da gestão de Dr. Irineu podemos citar:

- a construção do Auditório Pedro Braz;
- a construção do Ginásio de Esportes "Francisco Martins de Lima";
- a nova Biblioteca "Dr. Augusto Leite";
- na área pedagógica, estimulou experiências e incentivou o desenvolvimento das atividades complementares criando cursos de teatro, fotografia, cinema super-oito;
- implantou o controle do ensino através do computador, adotando o regime de sistema de crédito para os cursos;
- Criou os cursos de Auxiliar Técnico em Eletrotécnica e Telecomunicações;
- na área administrativa implantou o planejamento sistêmico.

Segundo depoimento do próprio Prof. Irineu, aqui transcrito na íntegra, os desafios e dificuldades desta época, são assim retratados:

- "O maior desafio enfrentado pela Direção da

ETFSE, nos idos de 1969/1979, foi tornar o clima interno de hostilidade reinante em clima de trabalho, pois haviam naquela época se criado barreiras de entendimento entre quase todos os setores da Escola: Professores de Disciplina Específica conflitavam com Professores de Cultura Geral; a Administração Superior se desentendia com alguns Professores e até com membros do Conselho de Representantes, com reflexo direto no Pessoal Administrativo e toda comunidade escolar.

Graças a uma política de valorização da pessoa humana e adotando como escopo o entendimento mútuo tornou-se possível encontrar o ritmo de trabalho produtivo, chegando a nossa Escola alcançar projeção das mais elevadas entre as congêneres de âmbito nacional.

— Duas foram as dificuldades mais proeminentes encontradas pela Direção: 1 - a falta de recursos humanos, principalmente no seu aspecto qualitativo adequado para as metas a que se propunha; 2 - falta de recursos financeiros, que é uma tônica sempre presente em qualquer administração de Escola Federal.

Para suprir a falta de recursos humanos a Direção da Escola investiu na realização de cursos para

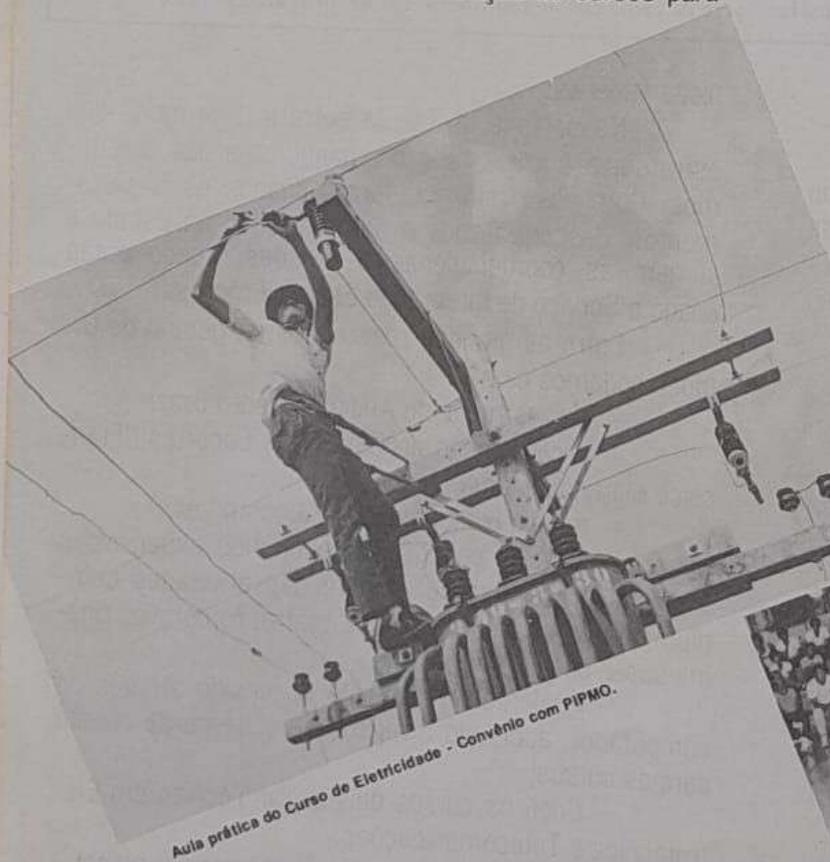
CLÁUDIO ZACK DID e SAMUEL PFROM NETO, de São Paulo, além de outros cursos e seminários realizados com expoentes locais. Os resultados alcançados com esse investimento foram altamente positivos, conseguindo da nossa comunidade a necessária sensibilidade para grandes mudanças de natureza educacional, verificadas durante o período da nossa gestão.

Quanto à falta de recursos financeiros fomos perseguidos ano a ano por esse fantasma. Todavia, graças ao nosso bom relacionamento com as autoridades do MEC, mais especialmente com a antiga Diretoria do Ensino Industrial (hoje SESG), foi possível conseguir sempre Suplementação de Crédito para as despesas, de forma a não passarmos pelo dissabor de ver as iniciativas serem relegadas ao abandono pela falta de verba. Foi uma tarefa árdua mas conseguimos superá-la e assim contribuir para o crescimento da nossa Escola Técnica Federal de Sergipe.”

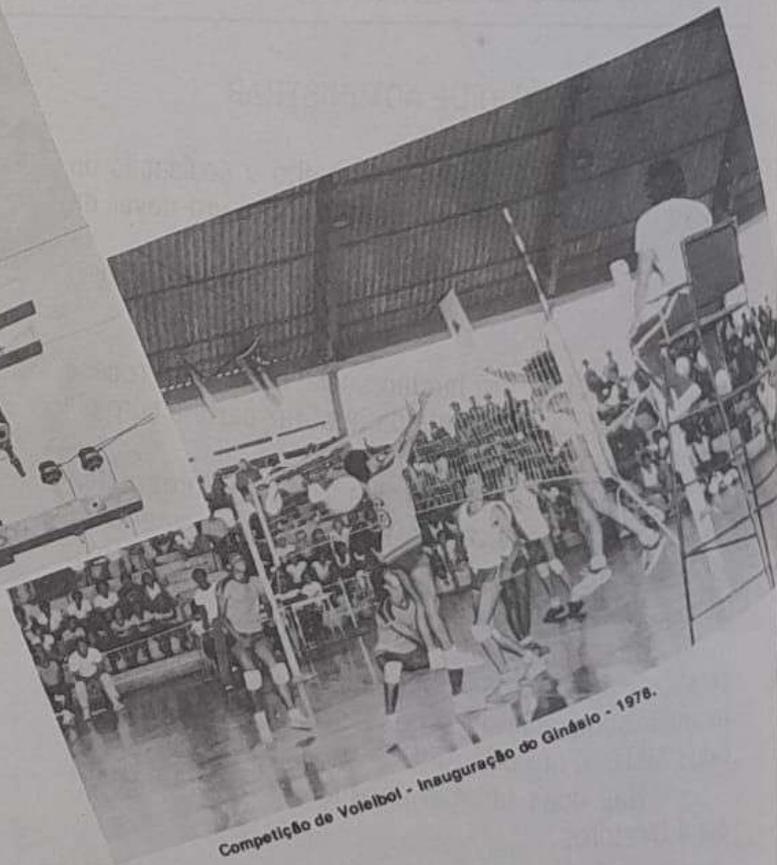
1979 a 1983

Em maio de 1979, assume a Direção da Escola o ex-governador do Estado de Sergipe e Engenheiro Dr. Paulo Barreto de Menezes.

Como bom engenheiro e com vivência adminis-



Aula prática do Curso de Eletricidade - Convênio com PIPMO.

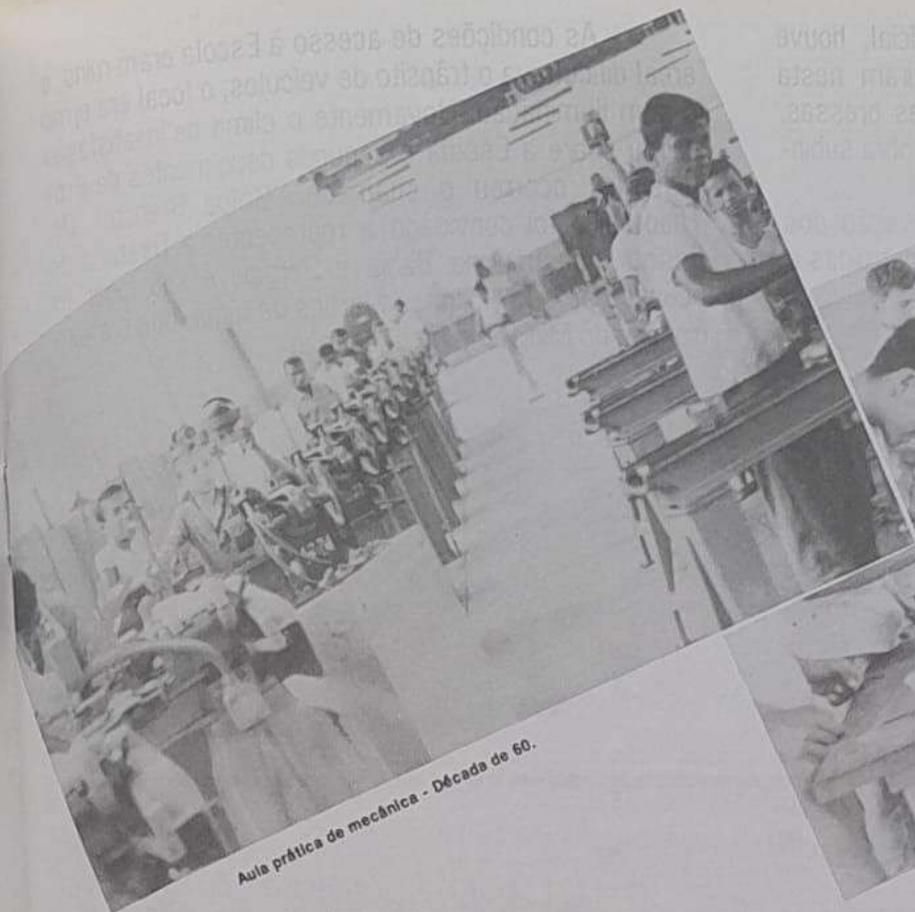


Competição de Voleibol - Inauguração do Ginásio - 1978.

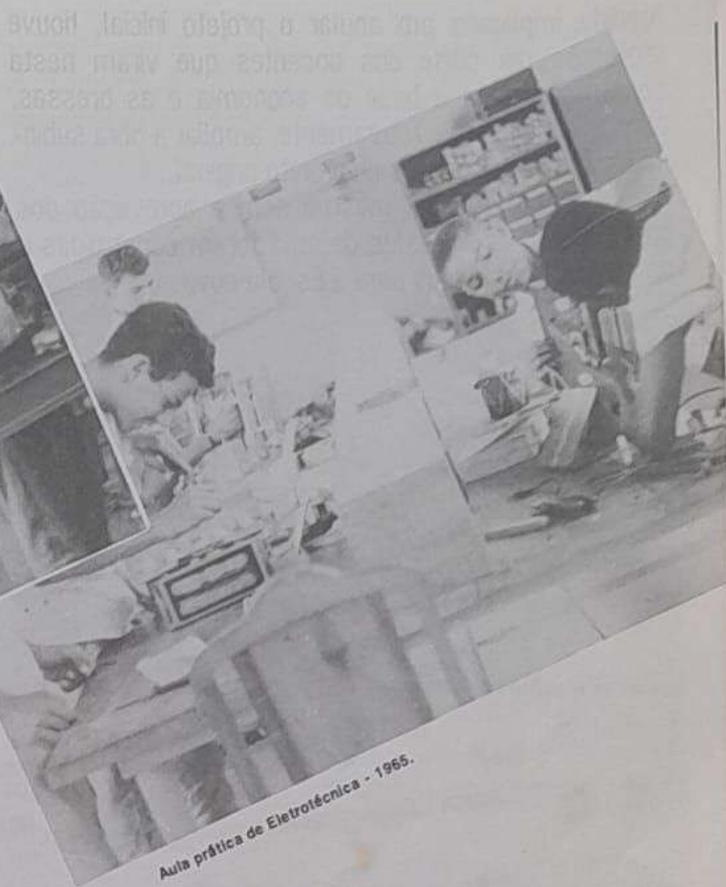
reciclagem do Pessoal, tais como: Relações Humanas — pela Psicóloga NOEMY RODOLFO DA SILVEIRA, do Rio de Janeiro; Testes de Medidas Educacionais — pelo professor GODEARDO MIGUES BACHERO, de Brasília; Tecnologia da Educação — pela Equipe Matética:

trativa, a gestão de Dr. Paulo destaca-se principalmente por suas obras físicas e pela criação de dois cursos.

— efetuou reformas físicas no gabinete da Diretoria, no gabinete do Departamento de Administração,



Aula prática de mecânica - Década de 60.



Aula prática de Eletrotécnica - 1965.

que hoje a Escola desfruta.

A lei 3.552 de 1959 transformou em Instituições autônomas as Escolas da Rede Federal de Ensino. A partir desta data a Escola passa a ser administrada por:

- Um Conselho de Representantes que era constituído por um representante dos professores, um educador estranho ao quadro da Escola e dois industriais, pelo menos. Entre outras atribuições, cabia a este Conselho: aprovar o orçamento da despesa anual da Escola, fiscalizar a execução do orçamento, autorizar qualquer despesa acima de Cr\$ 100,00 (valor da época).

- A Diretoria - constituída de um Diretor a quem competia organizar, superintender e fiscalizar todo o serviço da Escola.

- Um Conselho de Professores - constituído de 12 representantes do corpo docente, funcionando como órgão consultivo e de deliberação didático-pedagógica da Escola.

Esta estrutura administrativa permaneceu até 1975, quando por Portaria nº 503 de 16 de outubro de 1975 o Ministro da Educação e Cultura resolve aprovar o Regimento Interno da Escola Técnica Federal de Sergipe, cuja estrutura administrativa passa a ser a que hoje conhecemos.

TEMPOS DIFÍCEIS (1962 a 1969)

A criação do 1º curso técnico, o curso de Edifi-

cações e a construção dos 7 blocos das oficinas, destinadas às aulas práticas, ocorreram na gestão do Engº Pedro Braz.

Apesar do seu empenho na concretização da Escola Técnica, Pedro Braz pouco vivenciou o Ensino Técnico devido o seu estado de saúde que se agravava a cada dia, forçando-o a pedir seu afastamento para tratamento de saúde em 1962.

O Prof. Josino P. de Carvalho que já o substituíra durante seus afastamentos para tratamento de saúde desde 1961, continuou respondendo como Diretor eventual até 01/08/1962, quando assume a Direção da Escola o Dr. Moacir Batista dos Santos.

O período da Administração de Dr. Moacir ocorreu numa fase difícil, no período pré-revolucionário dos anos 60. Em outubro de 1963, Dr. Moacir renuncia ao cargo de Diretor sob a pressão da greve estudantil que ocorreu neste ano (ver destaque UNETI). Assume o prof. Humberto Moura como Diretor interino até 30/06/1964, quando é então nomeado o Dr. Theotonílio Mesquita.

O projeto original da Escola foi feito por uma equipe técnica em Brasília e se constituía de um prédio de 3 andares em forma de "L".

Os anos posteriores à revolução de 1964, foram difíceis para qualquer administrador e a verba prevista para a construção do prédio foi cortada. Dr. Theotonílio resolveu então, construir o pavilhão das salas de aula com a verba que dispunha. Como esta

1983 a 1987

Nesta época a Escola é dirigida pelo prof. Daniel Bispo de Andrade que já fazia parte do quadro da Escola como professor.

Entre seus marcos destacamos:

– a passagem do regime de sistema de crédito até então adotado nos cursos da Escola, para o regime seriado;

– beneficiado com o projeto MEC/BIRD reequipou vários laboratórios e financiou para 4 professores e 2 técnicos em assuntos educacionais, cursos de pós-graduação em Belo Horizonte;

– manteve os primeiros contatos com o CEFET/MG, para a realização dos cursos Esquema I e II;

– realizou com uma comissão composta por elementos do MEC e da Escola, estudos para a interiorização do ensino técnico, sendo a cidade de Lagarto a escolhida para a construção de uma Escola Técnica;

– projetou e iniciou a construção do conjunto arquitetônico composto por 12 salas de aula, 5 salas de apoio e uma cantina.

Na visão do Prof. Daniel, o seu período de gestão administrativa é assim por ele narrado:

“Por mais superficial que seja, um exame ou uma reflexão sobre a educação e seu mais imediato instrumento de definição, o ensino demonstrará que estamos estacionados há muitas décadas nas estruturas escolares acadêmicas, seja pela comunicação pura e simples dos conhecimentos elaborados, seja pelas técnicas pedagógicas atualmente ao alcance de toda a humanidade, sem uso entretanto pela nossa sociedade.

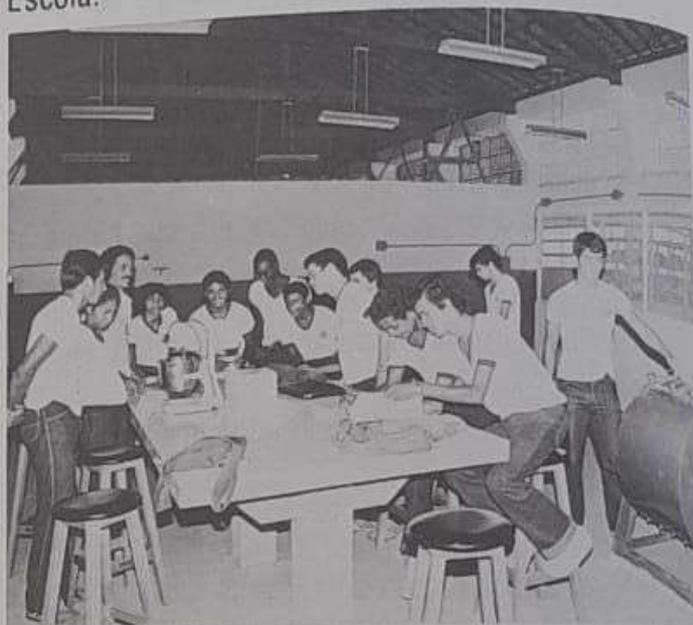
Multipliquemos agora este atraso e esta defasagem por mil, em se tratando de uma educação voltada para uma formação profissional, mesmo a nível de 2º grau, onde a tecnologia é um fato preponderante na definição das técnicas de produção e controle.

Estamos presenciando na Europa e na Ásia uma revolução industrial alicerçada na maior evolução tecnológica da história conhecida, apoiada pela complementação das economias de cada país; qual a nossa reação para competir nestes mercados?

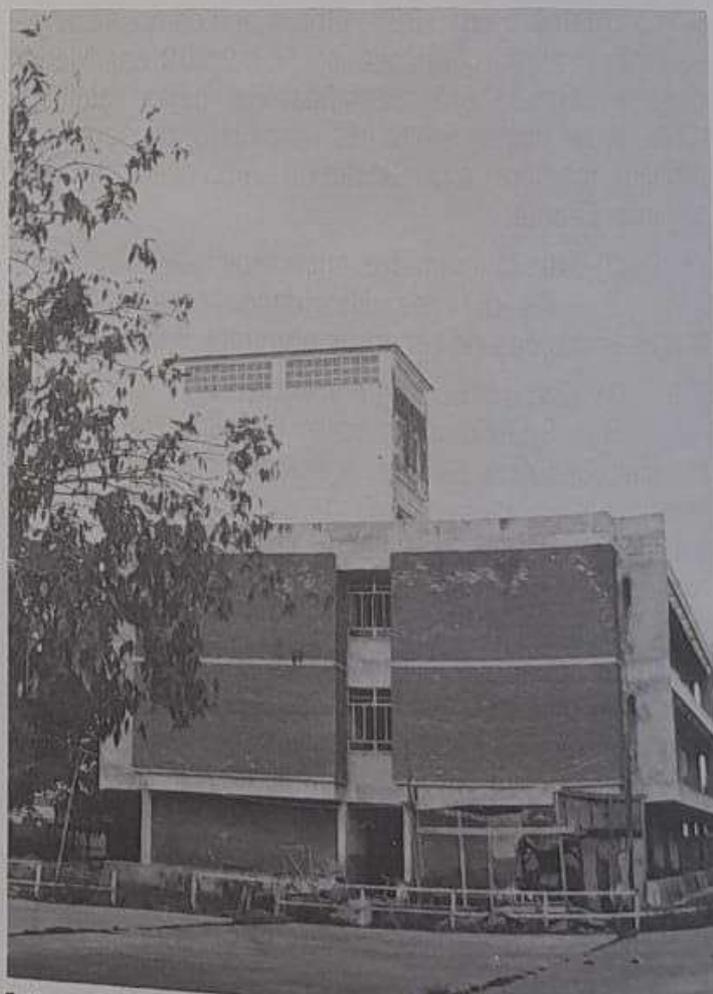
O século XXI está conquistado ou perdido em termos de educação do nosso cidadão para as próximas décadas?

Nossa Escola está inserida neste quadro, principalmente se recuarmos a 1983. Deflagrar mudanças no seio de grupos humanos, implica necessariamente em tornar conhecidos e evidentes a todos, os defeitos, as virtudes e os nossos passos a serem dados. Nesta política é imprescindível a liberdade de ação e manifestação.

No amparo destas decisões, tornou-se necessário: o aperfeiçoamento de pessoal tanto pelo conhecimento das instituições congêneres e seus programas de trabalho, quanto pela titulação em seus diferentes níveis; a utilização racional dos recursos disponíveis e sempre escassos, aplicados através do aproveitamento das dificuldades em organismos internacionais aliada à participação dos recursos humanos da própria Escola.



Aula prática no laboratório de Solos - Curso de Edificações.



Fachada do prédio novo de salas de aula da ETFSE, em fase de conclusão - 1989.

no gabinete da Coordenadoria de Ensino, na sala de supervisão pedagógica, salas de aula e no gabinete médico-odontológico;

- instalou o alambrado do ginásio;
- construiu a quadra aberta de esporte e o campo de futebol;
- recuperou o telhado do ginásio;
- construiu laboratórios, equipando-os;
- aplicou pastilhas na parte externa dos pavilhões da Escola e pintou o prédio;
- adquiriu um micro-ônibus, um piano e um mini-órgão, destinados às atividades de ensino;
- o carro da Direção, ainda hoje utilizado, foi aquisição dessa gestão;
- criou o curso de Química e o curso de Eletrônica.

Entrevistando Dr. Paulo sobre os desafios e dificuldades por ele vividos durante sua gestão, ele assim se posiciona:

1) Qual o maior desafio que enfrentou na sua administração?

R - Conseguir sensibilizar os jovens estudantes, concludentes de 1º grau, a procurarem, em maior número, os cursos técnicos da Escola que se vinha reduzindo ano a ano. Este objetivo foi plenamente atingido. No exame de seleção, em 1979, tivemos apenas 570 candidatos e em 1983, último ano da nossa administração o número ultrapassou os 2.000 candidatos. Como a seleção era classificatória, pelas melhores notas, e as vagas limitadas, com isto conseguimos, também, melhorar a qualidade do aluno que começou a entrar na Escola.

2) Que dificuldades encontrou?

R - As maiores dificuldades encontradas foram as limitações de recursos humanos e financeiros.

3) Como procurou enfrentá-las?

R - Selecionando entre os melhores elementos, que possuía a Escola, a equipe para dirigir Departamentos e para os cargos de assessores e, com os limitados recursos financeiros, definindo prioridades. Formamos assim uma boa base para conseguirmos:

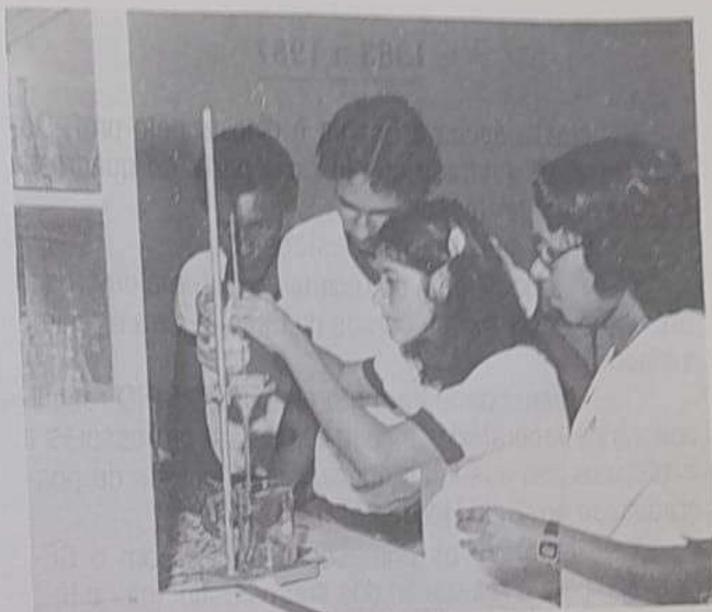
a) melhoria da qualidade de ensino através da construção de novos laboratórios e reaparelhamento dos existentes;

b) que só fossem admitidos novos professores observando sobretudo a sua boa qualidade;

c) cursos de treinamento para o corpo docente;

d) ampliação do acervo de Biblioteca com a aquisição não só de livros técnicos mas, também, de formação geral;

e) criação dos cursos técnicos de Química e Eletrônica.



Aula prática no laboratório de Química Geral - 1982.



1ª Feira de Eletrônica - 1983.

POUPAR É PRECISO

Em 1980, não havia ainda a inflação que hoje nos devora mas, já era comum nos corredores da Escola, as reclamações de que o dinheiro não dava.

Quando Dr. Paulo assumiu a Direção trouxe para responder pelo DEA, alguém que deixou saudades quando saiu. Dr. Joaquim Barreto era uma pessoa de muita elegância, distinção, responsabilidade e preocupadíssimo com a economia pública.

O cuidado com a verba pública era tanto, que certa feita, para poupar as despesas da Escola, mandou adicionar água ao sabão líquido usado nas pias. O protesto foi geral, o tal sabão "diluído" não limpava a mão de ninguém.

O insucesso dessa experiência não abalou os propósitos de Dr. Joaquim.

Era véspera de carnaval, o dinheiro já devia ter saído, não era comum atrasar e, nada do pagamento chegar. Os ânimos já estavam alterados, o pessoal nervoso pensando o pessoal "zerado", quando se descobre que o pagamento estava no banco mas, Dr. Joaquim queria evitar que o pessoal "torrasse" todo o salário nas festas de carnaval.

E, no protesto alguém diz: - Eu até entendo que ele queira poupar a verba pública, mas a minha é particular!

total desgaste nas estruturas físicas. Os prédios foram condenados pelo CEDAT, além de outros estudos feitos por arquitetos e engenheiros civis, que também confirmaram aquele relatório. A opinião dos técnicos era fazer uma Escola nova, tão grande era o desgaste da atual. Mesmo assim, procuramos não desanimar, esquecemos nossa proposta de trabalho e começamos a priorizar os casos mais urgentes. Passamos a nos preocupar com a segurança dos bens patrimoniais e

habilitação de professores, com reforma e criação de laboratórios, com a reestruturação física dos setores e um projeto geral visando à escola do futuro, além de outras atitudes administrativas consideradas importantes.

Sabemos que nada está terminado mas acreditamos que estamos no caminho certo, porém um tanto espinhoso”.

FOCOS

- Em 1971 a empresa “MAXIMUS” do Rio de Janeiro, publicou um manual apresentando como modelo o CEPRED e CSPE (Controle Sistemático de Produtividade Escolar), da ETFSE.

- Dr. Irineu foi o criador do Encontro Nacional de Corais das Escolas Técnicas Federais e o 1º Encontro realizou-se aqui no nosso Auditório em 1971.

- Em 1976, abrindo a Escola para as crianças carentes da periferia, foram criadas as “Escolinhas de Educação Física” onde crianças de 07 a 10 anos aprendiam judô, basquete, voleibol e ginástica olímpica. Esta experiência durou cerca de 03 anos.

- O convênio do Programa Especial de Bolsa de Estudo (PEBE) que beneficiou nossos alunos até o ano passado, foi assinado em 1972.

- A primeira diretoria do Centro Cívico foi eleita em 05/04/71 e era assim constituída:

- Presidente: Antônio Cardoso Passos.
- Vice-Presidente: Valdiolanda T. Assis.
- 1º Secretário: Manoel Messias M. dos Santos
- 2º Secretário: Hamilton Silveira de Jesus
- 1º Tesoureiro: Valdne Carmelo Lima.
- 2º Tesoureiro: João Paulo dos Santos.

- Recentemente a revista VEJA publicou um artigo sobre o ensino público e tivemos o prazer de ver o que o ensino técnico ministrado pelas Escolas Técnicas, apresentou segundo a pesquisa feita pela VEJA, os melhores índices de aprendizagem de ensino na rede pública.

É isso mesmo. Apesar de todas as dificuldades, as Escolas Técnicas estão aí provando que vale a pena investir no ensino técnico.

- O CENAFOR (Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para Formação Profissional) foi criado em 1970, e seu objetivo era capacitar docentes, técnicos em educação, instrutores, técnicos em treinamento e especialista no desenvolvimento de Recursos Humanos.

Esta instituição muito contribuiu na área de capacitação de pessoal das Escolas Técnicas. Na nossa, o CENAFOR esteve presente em vários momentos, proporcionando cursos de excelente qualidade, além de assessoramento técnico-pedagógico.

Em uma das reformas promovidas pelo Governo Federal ocorrida nos últimos anos, em meados da década de 80, o CENAFOR é extinto, ficando uma lacuna enorme no campo da capacitação de Recursos Humanos.



1º Encontro de Corais das Escolas Técnicas Federais - 1974.

Cabe aqui observações à qualidade do trabalho obtido de docentes, administrativos, técnicos e do próprio aluno, quando conscientes dos objetos a serem alcançados.

A qualidade do ensino pode ser obtida pelo aperfeiçoamento do pessoal, substituição dos recursos materiais etc.. Há entretanto, um crescimento proporcional e um crescimento industrial a serem atendidos, acrescidos pela diversificação das atividades econômicas em termos de natureza e local. Para este atendimento é imprescindível a expansão das fronteiras da Escola através do seu desdobramento em núcleos ou unidades descentralizadas, para o qual a Escola dispõe de projeto, área e definição de ação pedagógica”.

Estas foram as linhas de ação e a política de trabalho adotadas pelo Prof. Daniel de 1983 a 1987.

1987 a 1989

Em 1987, a Escola elege seu dirigente. Esta eleição ocorreu em dois turnos. No 1º turno concorrem 9 candidatos, no 2º turno apenas os 6 mais votados participam do pleito e os 3 primeiros colocados formaram a lista tríplice que foi encaminhada à Brasília através do Conselho.

Esta lista estava assim constituída:

- Prof. Daniel Bispo de Andrade;
- Prof. José Alberto Pereira Barreto;
- Pedagoga Ednalva Freire Caetano.

Foi um período de grande agitação na Escola; grupos se formaram a favor deste ou daquele candidato e, a inexperiência política comum nos meios educacionais, levou todos, candidatos e eleitores, a pecarem por suas emoções. Mas o velho princípio de que "errando se aprende", foi mais uma vez constatado e todos aprenderam muito com esta experiência.

Decorrente desta eleição, em agosto de 1987 o Prof. José Alberto Pereira Barreto, ex-aluno da Escola, passa a administrá-la. Ainda está no meio da sua jornada, vencendo até agora, apenas 2 dos 4 anos do seu mandato.

Nestes 2 anos o Prof. José Alberto já conseguiu:

- concretizar os cursos de Esquema I e Esquema II;
- concluir a obra do complexo das 12 salas de aula, as quais já estão sendo utilizadas pelos alunos;
- assinar o convênio para a construção da Escola de Lagarto, que já estão em andamento;
- adquirir computadores para implantação do controle acadêmico e financeiro pelo CPD e para o uso dos alunos nos cursos com a disciplina informática;
- adquirir um ônibus para a realização de micro-estágios, uma camioneta e uma "vespa" para as atividades administrativas;

- iniciar a reorganização do Arquivo Geral da Escola que se encontrava em condições lastimáveis;
- efetuar reforma física na sala dos professores;
- implantar um posto bancário da C.E.F., no recinto da Escola.
- projetar a reestruturação de diversos setores;
- adquirir instrumentos musicais para as aulas de educação artística;
- liberar pessoal para curso de pós-graduação;
- reformular o Regulamento didático-pedagógico;
- renovar o sistema de refrigeração.

Convidado a se pronunciar sobre suas dificuldades, o Prof. José Alberto assim se expressa:

"Na atual situação em que se encontra o País, o grave problema para um administrador é a falta de recursos financeiros, seguido de um grande desequilíbrio em recursos humanos. Para conter essa crise, o diretor da Escola Técnica tem que viver constantemente a cata de recursos em Brasília e muitas vezes não encontra solução para suas necessidades. O caso chega a ser desanimador mas deve ser enfrentado. A burocracia prejudica muito o fluxo dos recursos; muitas vezes passamos meses para receber uma pequena quantia, o que leva a perda de quase todo o seu valor ante a inflação galopante que enfrentamos.

A Escola Técnica, além das carências no ensino e desestruturação em recursos humanos, sofre um



Juramento de formatura da turma do Esquema I - 1989.

Uma história pode ser narrada de diversas formas. A Prof. Maria Olvívia Silveira que vive a Escola desde 1961, conta sua história de uma forma peculiar, através de versos.

Em 1964 os professores viviam a expectativa de uma mudança de nível; deveriam passar do nível 16 para o nível 19 e Maria Olvívia registra assim este fato:

“O 19 VEM AI”

I

Foi um mês de sofrimento
foi um mês de agonia
só se via professor
xingando a Delegacia,

II

De Brasília um telegrama
chegou à Delegacia
e ficamos novamente
vibrantes de alegria.

III

Depois de dias porém,
meu Deus! que decepção
o tal nível 19
não era pra gente não...

IV

Telegrafem, façam algo,
façam mesmo uma moção
o que eu não posso é pagar
sem ter autorização.

V

Assim Cibele falou...
morreu a nossa alegria
perdemos a esperança
de ir à Delegacia...

VI

Agora chegou um aviso
de lá da Delegacia
dizendo que 19
não é nível, é dia.

VII

O 19 do mês
que será segunda-feira
o dia de recebermos
16 a vida inteira.

“O 19 VOLTOU”

I

O 19 voltou
bem no dia do Natal
mas, para criar um caso
veio só sem o jornal.

II

Sentimos que a alegria
já estava escapulindo
trocada pela tristeza
de um exercício findo.

III

Estávamos apagados
cansados de tanta luta
mas quem é soldado velho
não pode virar recruta.

IV

Falamos a Lourival
Batista por excelência
das mágoas do 19
e da nossa impaciência.

V

Alguém escutou no rádio
leu no jornal da Bahia
e automaticamente
renovamos a agonia.

VI

Fomos correndo felizes
até a Delegacia
e lá chegando contamos
da nossa grande alegria.

VII

É uma pena disse ela:
nós não podemos pagar.
Esperem mais um pouquinho
até o jornal chegar.

Em 1987, a Escola vive um grande sonho democrático; escolher por eleição direta o seu Diretor.

A eleição ocorreu em dois turnos e foi um período de grande alvoroço, balbúrdia, brigas e outras coisas mais, “tudo pela democracia”...

Maria Olvívia que acompanhava o processo eleitoral, registrou o evento:

Eleições - 1987

I

Sexta-feira vinte e sete
é dia de eleição
cuidado com o enfarte
depois da decepção...

II

Candidato é o que não falta
ao cargo de Diretor
são 8 letras que choram
em um soluço de dor.

III

Tem candidato que apenas
tá querendo aparecer
nem sabe nada da Escola
nem sabe o que vai fazer.

IV

Dirigir uma Escola
não é igual à poupança
que rende sem seu esforço
e sem sua liderança.

V

Belarmino por que foi
que você desceu do trem?
teve medo da viagem
ou em benefício de alguém?

VI

Na Escola do vai-vai
vai aí um novo canto
sangue novo, gente jovem
é um candidato “Franco”.

VII

E no meio da campanha
surgiu também uma mulher
representando com garbo
o regulador Xavier.

VIII

O profeta Daniel
que viveu entre os leões
resistiu e quer voltar
respeito suas razões

IX

Se você for eleito
para ser o Diretor
por favor tenha respeito
ao cargo de Professor.

FIM DE PAPO

I

Minha gente, sai da frente
que meu verso vai passar
porque só estava esperando
a eleição terminar.

II

Uma eleição bossa-nova
em forma de prestação
um corre-corre danado
e um cheiro de confusão.

III

Lembrei de Leonardo Mota
no seu livro “Cantadores”
e achei bem semelhante
à eleição dos Diretores.

IV

Vi um urso planejando
vi a raposa escrevendo
a tanajura brigando
e um macaco velho lendo...

V

Parabéns a quem perdeu
sucesso para quem ganhou
e toca a Escola pra frente
na Santa Paz do Senhor.

VI

Quem perdeu ganhou a paz
e quem ganhou parabéns
é pena que na Escola
ninguém agrada ninguém.

VII

E fizeram a eleição
logo no mês de abril
após dia da mentira
coitado do meu Brasil.

Em 1989, como uma bomba, explode na Escola a história da acumulação. Foi um "Deus nos acuda", era muita gente envolvida nesta confusão.

E, mais uma vez, Maria Olívia conta em versos o evento:

FORRÓ DA ACUMULAÇÃO

I

Em janeiro uma matéria surgiu só pra confusão e aí o pau quebrou chegou a acumulação!...

II

Não sei se veio de jegue de trem, ou de avião eu só sei que ela chegou e lá vem reunião...

III

Aí logo pra começo nasceu uma comissão pra saber bem direitinho quem faz acumulação...

IV

"Se você tem o Estado peça logo demissão eu acho que você fez perfeita acumulação".

V

Mas eu trabalho no Estado e também na Prefeitura "Pois é pior! Neste caso, é que a cana vai ser dura".

VI

E se eu pedir ao Estado pra fazer uma redução? "Eu não sei, acho melhor pedir a exoneração"...

VII

Aí pergunta ao DEP e ele todo sorridente responde e sai da jogada. "Tenha calma minha gente"!

VIII

Tudo isso só depende De um ato da comissão pra isto vai haver a grande reunião.

IX

Virou mesmo corre-corre uma grande piração pois até no casamento já tem acumulação.

X

Se você é do Estado e a mulher da prefeitura, se tiver conta conjunta já sabe, você acumula.

XI

Tenho 10 anos de Estado e ensino aqui, faz mal? e o DEP sorridente "peça proporcional"...

XII

Não brinque, a coisa é feia é cana prá lá de dura peça demissão do Estado e também da Prefeitura.

XIII

Tenha calma companheiro nós estamos no Brasil acumulação chegou mas esquentou em abril.

XIV

E neste país onde tudo nem encolhe nem estica o primeiro de abril é consagrado à mentira.

Se reunião resolvesse problemas, com certeza nossa Escola seria a "terra prometida".

Sob o prisma de Maria Olívia, as reuniões são assim:

REUNIÃO

I

Reunião nesta Escola é coisa pra fazer rir reune pra decisão decide pra reunir.

II

O tempo que você perde reunindo e debatendo é o tempo da tarefa que deveria estar fazendo.

III

Reune pra lhe cobrar reune pra programar você louco pelo tempo pra poder executar.

IV

E agora que a Escola está fazendo os oitenta já foi criado um troféu pra aquela que mais frequenta.

V

Depois de longa pesquisa não tem pra onde apelar o troféu reunião é Tânia que vai ganhar.

FOCOS E ENFOQUES

ONTEM CLUBE, HOJE ASSOCIAÇÃO (Daisy F. Ximenes)

Tudo começou com uma idéia que veio de Paulo Costa Sobrinho.

Na antiga Biblioteca, onde hoje fica o DEP, reuniu-se um grupo de 30 pessoas (professores e funcionários) e fundaram o "Clube 23 de Setembro", sendo seu primeiro presidente o Prof. Paulo Costa Sobrinho.

O Clube fundado em 22/01/73, constituía-se de uma sociedade lútero-cultural-recreativa e assistencial.

Muitas confraternizações foram realizadas através do Clube 23 de Setembro e pouco a pouco os servidores foram sentindo a importância de se agruparem em prol de um objetivo comum. Em 16/06/78 o Clube 23 de Setembro transforma-se em Associação dos Servidores da Escola Técnica Federal de Sergipe (ASETFSE).

Como Associação seus horizontes foram ampliados e além das atividades recreativas, culturais e assistenciais, a Associação passou a defender a categoria dos servidores da Escola em seus anseios trabalhistas. Alguma coisa de substancial começou a mudar e onde ninguém questionava ninguém, onde não havia sequer o conhecimento do que nos era devido por "direito", o clima começou a ficar diferente. A consciência de classe começou a ser fortalecida, porque só esta nos dá condições de enfrentar os nossos problemas.

Ainda estamos num processo de crescimento, ainda há muito receio de envolvimento, mas é inegável a ação da Associação nesta transformação que ainda engatinha diante de outras classes.

E aquela sementinha plantada por 30 idealistas em 1973, hoje é uma instituição que atende a 191 servidores, oferecendo a seus sócios atividades recreativas sociais e esportivas; assistência médica, laboratorial, farmacêutica e odontológica; auxílio de natalidade e funeral; além de diversos convênios (supermercados, livrarias, farmácias, boutiques, restaurantes e postos de gasolina).

Atualmente, a Associação é dirigida pelo Prof. Wilson Melo que já foi seu presidente no período de 1985 a

1987. Durante estes anos Wilson Melo conquistou a confiança de todos pelo seu idealismo, pela sua seriedade, pelas suas defesas e conquistas no campo dos direitos dos servidores. Deve-se ao seu empenho e determinação a eleição direta para a escolha de Diretor que tivemos em 1987.

Esta instituição, antes Clube hoje associação, participa há mais de uma década da vida da Escola e,

- por ela e com ela sofre,
- por ela e com ela briga,
- por ela e com ela se alegra.



Candidatos ao Cargo de Diretor - 1987.



Gincana de Pesca - promovida pelo Clube 23 de Setembro - 1971.

Recriando A Educação Técnica...?

Em toda ação educativa está contido um projeto de homem e de sociedade, que se propõe responder a questões que são fundamentais para o seu encaminhamento.

Que homem educar? Para que sociedade? Educar para a permanência ou para a transformação da sociedade que aí está?

A sociedade brasileira, no momento da promulgação do Decreto Nilo Peçanha que instituiu a rede de "Escolas de Aprendizes Artífices", evidenciava uma grave crise econômica configurada no endividamento externo e na dependência do capital estrangeiro e uma realidade político-social de dominação da chamada "burguesia agrário-exportadora", do coronelismo rural que marginalizava a maioria da população.

É bem verdade que por essa época, também vai tomando forma o parque industrial brasileiro, criando a necessidade de mão-de-obra qualificada.

Para atender a essa sociedade concretamente situada é que as Escolas de Aprendizes Artífices, objetivaram "facilitar as classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência", para "habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho proffcuo, que os afastarão da ociosidade, escola do vício e o crime..."¹.

E a transformação das antigas Escolas de Aprendizes Artífices em Escolas Técnicas, aconteceu no contexto econômico-político-social de expansão do capital na América Latina, para intensificar a formação de pessoal técnico e orientar a educação para o desenvolvimento.

Hoje, em que sociedade vivemos e em que o projeto de educação técnica pode aí se desenvolver, em favor das classes populares?

Graves problemas de ordem econômica: dívida externa, concentração da renda e monopólio dos meios de produção, desemprego, baixos salários, conflitos pela posse da terra no campo e na cidade, conflitos nas relações de trabalho, o descaso pela saúde e educação do povo, adentram na escola e a comprometem com uma abertura de horizonte e um esforço concreto de repensar seus objetivos, sua estrutura, sua prática pedagógica para favorecer as mudanças sociais.

A educação veiculada nas Escolas Técnicas ainda guarda o ranço da pedagogia tecnicista transportada para o Brasil nos fins da década de 50, configurada numa suposta neutralidade científica, na filosofia do "prático", no adestramento, na ênfase dada aos meios, na dicotomia entre "teoria" e "prática"... O modelo empresarial se repete na estrutura e funcionamento das Escolas Técnicas, que em detrimento da dimensão política do processo educativo, continua sendo uma agência de produção do "capital humano" para atender às necessidades do mercado de trabalho.

A experiência adquirida nos 80 anos de ensino técnico, garante aos educadores a competência necessária para recriá-lo, resgatando a dimensão política do processo educativo e o compromisso com os interesses da classe trabalhadora.

O nível nacional perpassa toda uma discussão sobre politécnica, como uma nova proposta de ensino de 2º Grau, já incorporada em vários projetos de LDB, para aprovação pelo Congresso Nacional.

A politécnica busca "a síntese superadora, tanto do academicismo clássico; quanto da profissionalização estreita, à medida que compreende a educação intelectual, corporal e tecnológica..."². Avança na direção da construção múltipla do homem pela "apropriação do saber científico-tecnológico, através de uma perspectiva histórico-crítica, que permita a sua participação na vida social, política e produtiva, enquanto cidadão e trabalhador"³.

A politécnica não é antagonica, nem acaba com o ensino técnico, acrescenta-o à medida que as Escolas Técnicas incorporarem os seus princípios.

Com certeza, quando no ensino técnico houver:

- a articulação entre ciência e técnica, saber e processo produtivo;
- consciência de que o conhecimento é historicamente construído e portanto a ciência não é neutra;
- conteúdos definidos em cima dos princípios que fundamentam as várias ciências;
- uma prática pedagógica que articula educação e trabalho, considerando a experiência do aluno trabalhador e como se dão as relações de trabalho em uma sociedade capitalista.

Aí, sim, as Escolas Técnicas avançarão além da formação do técnico, para formar o cidadão profissional com ampla formação teórico-prático, flexível, versátil, capaz de acompanhar o desenvolvimento científico/tecnológico e de interferir na gestão social em favor da melhoria das condições coletivas de vida.

1. FONSECA, Celso S. da História do Ensino Industrial no Brasil, 1º vol. Rio de Janeiro, SENAI-DN, P. 177.

2. KUENZER, Acácia, Ensino de 2º Grau - O Trabalho como princípio educativo, S. Paulo: Cortez, 1988 P. 129.

3. Ensino de 2º Grau: o Trabalho como princípio educativo, S. Paulo, Cortez, 1988 P. 131.

Dificuldades De Ontem... Dificuldades De Hoje!

A primeira dentre as dificuldades com que se depara qualquer administração é sem dúvida a dificuldade financeira. Sempre foi e continuará a ser assim no serviço público, mormente na esfera educacional, até que melhor visão ilumine a mentalidade dos nossos dirigentes maiores.

No desenrolar dos tempos, essa dificuldade financeira, variável que determina os limites do desempenho da administração, tem sofrido mutações advindas de fatores quer sejam de ordem política, quer sejam de ordem econômica.

A autonomia didática, administrativa e financeira assegurada pela Lei nº 3.552/59, com o que se pretendia conseguir maior eficácia dos estabelecimentos de ensino técnico da rede federal, deu grande impulso a esses Estabelecimentos, muito embora a autonomia estabelecida na Lei nunca tenha sido adjudicada integralmente às Escolas.

A Direção da Escola era escolhida e contratada pelo Conselho de Representantes, este quase sempre sem vínculo direto com o Serviço Público, contava com a liberdade de utilizar toda a disponibilidade financeira do Órgão, o que significava economicamente alcançar maior rentabilidade, pois as despesas eram realizadas na hora apropriada.

Assim foi durante muitos anos. Hoje essa dificuldade financeira assumiu proporções catastróficas. A administração das nossas Escolas já não consegue imprimir um ritmo próprio de trabalho pois, mesmo havendo disponibilidade financeira o administrador nem sempre pode realizar a despesa – parece até paradoxal – o Governo precisa antes autorizar, através de Lei ou de Decreto, a utilização de recursos já autorizado pelos seus pressupostos. É o caso dos Convênios, por exemplo. O MEC firma Convênio com a Escola para determinado objetivo que se enquadra dentro da política governamental, com recursos orçamentários já aprovado por Lei, repassa esses recursos para a Escola... a Escola só pode utilizar esses recursos depois que for publicada nova lei para inclusão desses mesmos recursos no seu orçamento próprio. Enquanto isso deixa de executar o Convênio!

Essa dificuldade não é restrita apenas aos recursos do MEC, atinge até aos que se originam de empresas privadas, ou recursos próprios da Escola. Os Convênios firmados com entidades particulares terão que ser submetidos ao mesmo processo, isto é, dependerão de lei publicada no Diário Oficial para que os recursos deles originados possam ser utilizados pela Escola.

Tal sistemática é uma exigência da nossa Constituinte, que muitos apregoam como progressista. Toda alteração orçamentária (de todas Unidades Gestoras do País) deve passar pelo crivo do Congresso. É fácil conceber o volume de processos que se arrastam no Legislativo para que a máquina administrativa possa funcionar.

A autonomia das Escolas já não existe. A Administração não tem condições de assegurar a execução do seu planejamento de trabalho dentro do cronograma estabelecido. Tudo fica condicionado aos recursos financeiros, que se constitui na grande dificuldade de hoje.

Irineu Martins de Lima
Chefe da COPLAN

Questão De Justiça

Quando se comemora os 80 anos do Ensino Industrial e olhamos para atrás, sentimos até orgulho de pertencer a esta família que faz a ETFSE. É evidente nos nossos dias, o trabalho, o esforço e a dedicação daqueles que nos antecederam e nos deixaram como herança, um nome respeitado, principalmente no tocante à formação técnica e competente da nossa juventude.

É sobre os nossos colegas inativos que fazemos este registro e conclamamos as autoridades competentes, soluções urgentes para a situação abaixo descrita.

Como servidores públicos que somos, conhecemos de perto as histórias de enquadramentos. Surgem as esperanças quando começam a nascer as idéias de melhoria para os servidores públicos, nas definições do anteprojeto de lei. Vem a legislação e depois a sua aplicação. É nesta fase que geralmente aparecem frustradas algumas reivindicações.

De 1974 até os nossos dias, passamos por 3 enquadramentos.

1974 - Todos os docentes de 2º grau se enquadraram na classe C. Só existia essa única classe, sem nenhuma referência dentro dela. Os docentes inativos se enquadraram na classe C, juntamente e igualmente aos docentes novos. O regime de trabalho era de 20 horas semanais. O professor da ativa que já trabalhava 40 horas por semana, solicitava o incentivo de 100%; com a concessão desse incentivo, o docente dobrava a remuneração e consequentemente a carga horária. Os inativos, na sua maioria aficaram, percebendo a importância correspondente a 20 horas semanais, embora quando na ativa trabalhavam 40 horas.

1981 - Nesse enquadramento foi instituída a carreira do Magistério de 1º e 2º graus, com 5 classes: A-B-C-D-E. As duas primeiras destinadas ao ensino do 1º grau e as três últimas ao ensino do 2º grau. Cada classe era composta de 3 ou mais referências.

Os docentes inativos, naquela época, se posicionaram na classe C, referência 4. Os professores que se aposentaram depois de 1981 e foram avaliados para efeito de progressão funcional, atingiram outras classes e referências.

Com o enquadramento de 1987, Lei denominada de Isonomia, os docentes de 1º e 2º graus foram injustiçados, principalmente os inativos.

O princípio isonômico não foi respeitado quando se tratou, por exemplo:

1 - Dos percentuais da Dedicção Exclusiva e da Titulação. Para os docentes do 3º grau os percentuais são maiores, mesmo em se tratando do mesmo curso, na questão da Titulação.

2 - O tratamento desigual entre os inativos técnicos-administrativos e os inativos docentes.

Os primeiros, com muita justiça, é bom frisar, todos foram enquadrados na sua função correspondente, na última referência da última classe, desde que tivessem se aposentado com tempo integral. A proporcionalidade quanto ao tempo de serviço para aposentadoria, também foi observada.

Para os docentes, não houve esse tratamento. Nenhum **docente inativo** foi posicionado pelo tempo de serviço. Justo seria se, atendendo à questão de tempo integral para aposentadoria, todos ficassem na classe E, referência 4, posição final na carreira do magistério e fosse analisada a questão do Regime de Trabalho, T-20 ou T-40.

Caro colega! Vamos refletir, nos colocando na posição dos nossos ex-colegas, que trabalharam e deram o máximo de si, da mesma maneira que hoje acontece conosco. Muitas vezes, a grande custo, conquistaram e lutaram para atingir condições de vida respeitável e condígnas para suas famílias. É quando no declínio de suas vidas, quase na hora do sol se por, vêm desmoronar a seus pés tudo aquilo que foi construído com amor e dedicação. O seu trabalho enfim foi desconsiderado.

O mesmo pode acontecer conosco.

É justa essa situação?

Profª Maria Vanda Brandão Macedo
Assistente do DEN

**RELAÇÃO DE DIRETORES
DA ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES À
ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE SERGIPE**

NOME	NOMEAÇÃO	POSSE	SAÍDA
Augusto César Leite	6.01.10	5.02.10	3.08.16
Bento Ferreira	11.08.16	24.09.16	20.08.20
.....	9.08.20	9.02.21
.....	11.10.21	19.10.21	29.12.21
Ernesto Argenta	16.12.21	30.12.21	18.02.24
Carlos Torres Câmara	18.02.24	5.01.26
Ernesto Argenta	6.01.26	29.08.26
Gabriel Alencar Azambuja	21.07.26	30.08.26
Sebastião Queiroz Couto	4.06.28	26.06.28	6.04.32
Paulo Pereira de Araújo (1)	7.03.32	7.04.32	12.11.34
Flávio Castello Branco	21.01.35	11.03.35	24.07.35
Armando César Leite(2)	8.07.35	24.07.35	28.06.37
Clodoaldo Vieira Passos	28.06.37	14.07.37	21.07.47
Pedro Alcântara Braz (3)	6.10.47	1.11.47	1.08.62
Moacyr Batista Santos	1.08.62	1.08.62	4.10.63
Humberto da Silva Moura (4)	5.11.63	5.11.63	30.06.64
Theotonilio Mesquita Irineu Martins de Lima	25.06.64	30.06.64	7.08.69
Paulo Barreto de Menezes (5)	7.08.69	28.07.69	9.05.79
Daniel Bispo de Andrade	9.05.79	17.05.79	17.05.83
José Alberto Pereira Barreto (6)	29.06.83	13.07.83	10.07.87
	1.07.87	7.07.87	

NOTA:

... Dados ainda desconhecidos por imprecisão das fontes.

(1) e (2) Tiveram como substituto Francisco Augusto Figueiredo que, na condição de escriturário, era substituto legal do Diretor na Escola de Aprendizes Artífices.

(3) Licenciado por motivo de saúde, foi substituído pelo prof. Josino Pinheiro de Carvalho, a partir de 31.10.61.

(4) Diretor interino.

(5) Substituído até a posse do diretor seguinte pela Prof^ª Bárbara Tereza Fontes Lima Guerra.

(6) Diretor atual.

Palavra Final

"Escola Técnica EM FOCO" será uma revista anual, editada sempre na data comemorativa ao aniversário do Ensino Industrial.

Foram várias as dificuldades para a montagem dessa revista, vivenciamos todo tipo de problema – do financeiro ao técnico – e apanhamos muito nessa "andança" principalmente pela inexperiência no ramo.

Este é o nº 1, com ele aprendemos muito, foi o nosso professor. Os próximos números, provavelmente, terão abordagens diferentes. Daqui para frente, o FOCO principal será a atualidade, avanços tecnológicos, tendências pedagógicas e perspectivas da Escola.

Dessa forma, a cada ano, a Escola terá a sua história registrada e quem sabe, como utilizamos a revista Sergipe Artífice para as nossas pesquisas, este veículo – Escola Técnica EM FOCO – possa ser daqui a 20 anos, quando comemorem o centenário da Escola, uma valiosa fonte de pesquisa.

Para que chegue a ter tal importância, é mister que todos participem – alunos, professores, funcionários – narrando suas experiências, opiniões, alertas e protestos, colaborando assim, com pequenos "retalhos", para que esta "COLCHA DE HISTÓRIAS" possa futuramente ser aberta em plenitude.

Daisy e Maria Luisa

A Urgência De Uma Nova Escola

Na comemoração dos 80 anos do ensino técnico profissionalizante em nosso País, muitas instituições fazem uma retrospectiva desse ensino, criado pelo Presidente Nilo Peçanha. Nesta oportunidade além de recordar eventos importantes, fatos pitorescos, conquistas alcançadas ao longo desse tempo, precisamos à partir da história do ensino técnico avaliar fatos, dimensionar a contribuição desse serviço em prol da sociedade, compreender mudanças e transformações. Estaremos, desta forma, dando o verdadeiro peso e valor histórico aos fatos que se sucederam ao longo dos 80 anos de ensino técnico. O estudo da história do ensino técnico, certamente apontará fatos e elementos que poderão subsidiar nossa ação presente além de nos permitir a preparação para o futuro.

No início, com o nome de Escola de Aprendizes Artífices, desenvolvia-se no educando habilidades no uso do couro, do tecido, da madeira, do metal e do papel. Eram estes artesãos que supriam o mercado do calçado, das roupas, móveis, artes gráficas, etc.

Com o início da industrialização do país, o sapateiro, o alfaiate, o marceneiro, o tipógrafo foram substituídos pela indústria de calçados, de confecções, de móveis, etc.

O crescimento e desenvolvimento do país forçaram a transformação das Escolas de Aprendizes Artífices em Escolas Industriais. Tinham elas por objetivo dar suporte às indústrias que surgiam no país. Fundamentalmente eram voltadas para a área de mecânica: fundição, serralheria, manutenção, etc.

Posteriormente com o processo de eletrificação do país em grande escala, novo impulso é dado no crescimento da industrialização e é implantada a indústria automobilística. Surgem os cursos de mecânica de automóvel, torneiros, fresadores, etc.

Outra vez, o desenvolvimento econômico e industrial forçam a transformação das Escolas Industriais em Escolas Técnicas.

O investimento do governo na área das telecomunicações, a lei da reserva de mercado para informática, a automatização dos processos industriais, etc, deram origem a novas habilitações. A ação cognitiva já predomina sobre a ação psicomotora. O sistema produtivo além de atender à demanda interna se empenha em trazer divisas e acumular capital. Isto implica em melhorar a produtividade, desenvolver tecnologias competitivas, ter capacidade de absorver tecnologias de ponta. Dentro deste quadro, algumas Escolas Técnicas são transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica. Muitos investimentos têm sido feitos na área dos recursos humanos, através de convênios de cooperação com outros países. Algumas dezenas de professores fazem cursos de especialização, mestrado e doutorado nos países industrializados. Está se criando dessa maneira uma massa crítica para a área tecnológica, a fim de que se tenha uma força motriz e irradiadora de novas tecnologias, concebidas em laboratórios de nossas escolas.

Na proporção em que o país passa a gerar tecnologia próprias, voltadas para seus interesses, diminui seu grau de dependência tecnológica, reduz a evasão de recursos pagos, a título "royalty", às grandes empresas multinacionais. Neste caminho ao longo do tempo, o país reunirá condições de dar o salto qualitativo, dentro do contexto mundial.

Dentro desta tendência evolutiva as Escolas Técnicas, irremediavelmente, terão que se adaptar a um novo ensino, galgado em "softwares" educativos, numa programação dinâmica atrelada a grandes bancos de dados, ao uso dos CAD (computer aided design).

Certamente, essas mudanças independem da vontade individual das pessoas ou das regiões onde se situam as instituições. Elas acontecerão da mesma forma que aconteceram as mudanças ao longo dos 80 anos de Escola Técnica, forçados pela evolução da realidade.

O Brasil vem acompanhando as tendências mundiais da informatização de, praticamente, todos os setores da atividade humana; a automatização e a robotização dos processos industriais são inevitáveis em função da concorrência e competitividade do mercado internacional. A biotecnologia e bioengenharia, a cibernética e inteligência artificial, a exploração dos oceanos, domínio e uso da energia nuclear e solar se constituem numa amostragem do desafio que o ensino técnico terá que enfrentar num futuro extremamente próximo.

Joarez Vrabel
Prof. de Eletrônica

ESCOLA TÉCNICA "EM FOCO"
ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE SERGIPE
ANO I - Nº 01 - 1989

Redação: Daisy Fonseca Ximenes e Maria Luisa Scardini Medeiros

Colaboração Especial: Leyda Régis

Entrevistados: Acrísio José Primo, Aldomânúcio Rodrigues Santos, Bárbara Tereza Fontes Lima Guerra, Carlos Waldemar Barreto, Claudino Silva Sampaio, Francisco Viana Filho, Graziela Silva Resende, José Américo Batista Cardoso, Josefina Cardoso Braz, Josino Pinheiro de Carvalho, Leyda Régis, Lilian Corrêa Machado, Maria Olívia Silveira, Moacir Viana Santos, Temfcio Vieira de Melo.

Datilografia dos Originais: Adilson Andrade
Álvaro Azevedo
Mara Rúbia F. Santos

Revisão Final: Josefina Cardoso Braz e Magna Santana

Capa: Joarez Vrubel (criação)
Márcia Leite Moreira (desenho)

Projeto Gráfico: Marcos Silveira

Arte Final: Susivalda Passos

Composição e Impressão: Gráfica Editora J. Andrade Ltda.

Patrocínio: BANESE (Banco do Estado de Sergipe)
Secretaria de Estado de Comunicação Social



ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE SERGIPE
Av. Gentil Tavares da Mota, 1166
Tels. (079) 224-4644 • 224-5884
Telex - 792447
Aracaju - Sergipe